

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

Sérgio Augusto da Silva

**PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA:
PEDALANDO COM A TRICICLOTECA**

ARARAQUARA - SP

2019

Sérgio Augusto da Silva

**PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA:
PEDALANDO COM A TRICICLOTECA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betanea Platzer

ARARAQUARA - SP

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

S583p SILVA, Sergio augusto

Práticas sociais e políticas públicas de leitura: pedalando com a tricicloteca / Sergio Augusto Silva. — Araraquara: Universidade de Araraquara – UNIARA, 2019.

82f.

Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betanea Platzer

1. Práticas Sociais de Leitura. 2. Políticas Públicas de Leitura. 3. Leitura e Circulação de Livros Políticas Públicas de Leitura.

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SILVA, S.A. **Práticas sociais e políticas públicas de leitura: pedalando com a tricicloteca** 2019. 82f. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

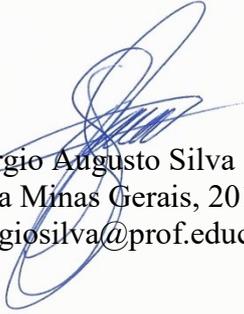
ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Sérgio Augusto Silva

TÍTULO DO TRABALHO: Práticas Sociais e Políticas Públicas de Leitura: pedalando com a Tricicloteca

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação / 2019.

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.



Sérgio Augusto Silva
Rua Minas Gerais, 2017. Gavião Peixoto/SP
sergiosilva@prof.educacao.sp.gov.br



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de **Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**.

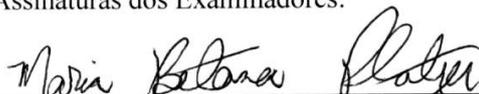
Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

NOME DO AUTOR: **SÉRGIO AUGUSTO DA SILVA**

TÍTULO DO TRABALHO: **“Práticas sociais e políticas públicas de leitura: pedalando com a triciclooteca”**.

Assinaturas dos Examinadores:

Conceito:



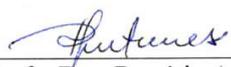
Profa. Dra. Maria Betanea Platzer (orientadora)
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado



Profa. Dra. Dirce Charara Monteiro
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado



Profa. Dra. Rogéria Antunes
Universidade Paulista – UNIP

Aprovado () Reprovado

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 10/08/19



Profa. Dra. Maria Betanea Platzer (orientadora)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que empregam parte de suas vidas, seja pessoal ou profissionalmente, à causa do livro e da leitura, numa terra onde a arte, o saber e o conhecimento são diuturna e sistematicamente, desvalorizados e desconstruídos. Aos professores, escritores, intelectuais, editores e demais profissionais das letras, sintam-se abraçados por meio deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é tarefa custosa ao ser humano.

Quando a fazemos, impera o medo de cometermos alguma injustiça.

Muitas vezes, é inviável agradecermos a todos quem gostaríamos.

Outras, como agora, tememos esquecer alguém especial, importante.

Por outro lado, se são importantes, não há como esquecermos, já que o significado de importar em sua raiz latina denota algo ou alguém digno de ser levado ao interior do coração. Não o músculo, mas, figuradamente, um lugar especial na alma.

Deste modo, não importo aqui algo, objetos ou matéria.

Importo então, pessoas as quais ajudaram a me tornar o que sou nessa singular etapa da minha vida. Importo e declino deferência e agradecimento àqueles que de alguma forma contribuíram com a presente ascensão acadêmica, simbolizada pelo título de Mestre que agora impetro, o qual simboliza também minha evolução como pessoa.

Agradeço Àquele que com o dom da vida me tornou criatura;

Agradeço àquela que com seu amor me tornou filho;

Agradeço àquele que com seu exemplo me tornou homem;

Agradeço àqueles que com suas vidas me tornaram pai;

Agradeço àqueles que com suas lealdades me tornaram amigo;

Agradeço àqueles que com audiência me tornam professor, todos os dias;

Agradeço àqueles que com seu amor me tornam companheiros na docência;

Agradeço àqueles que com essa turma, me tornaram colega de classe;

Agradeço àqueles que com sua doação e partilha de conhecimento ora me tornam Mestre, em especial, à Professora Dirce Charara, por suas constantes dedicação e solicitude para conosco durante o curso e à professora Rogéria, por suas valiosas e assertivas contribuições na Banca de Qualificação.

Agradeço, notadamente, à linda figura de Betanea Platzer, não só pela infinita contribuição acadêmica, mas também pelo empoderamento feminino, por meio do conhecimento, pela terna amorosidade e plena dedicação como irmã, pela firmeza e assertividade como orientadora, pela complacência e compreensão como colega de profissão e, enfim, pela humanidade, cumplicidade e sensibilidade como amiga.

Por fim, agradeço a você, que neste momento me torna um escritor acadêmico, com o qual, brindo a partilha desta pesquisa e lhe desejo profícua leitura.

“Bendito aquele que semeia livros e faz o povo pensar”.

Castro Alves

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é investigar as práticas sociais de leitura de livros, oportunizadas por um projeto de incentivo à leitura, proposto por política pública municipal, denominado Tricicloteca, experienciado por moradores de uma pequena cidade localizada no interior do estado de São Paulo, bem como, as relações e vínculos estabelecidos entre leitores e objetos de leitura, como forma de promover o desenvolvimento humano, intelectual e cultural. Destarte, busca-se aqui, tecer possíveis respostas e questões importantes, como: é possível oferecer políticas públicas que fomentem a leitura aos cidadãos, indistintamente de suas classes sociais ou econômicas, fora do contexto e da vivência escolar e acadêmica? Quais as relações cotidianas entre o cidadão, os textos impressos e os seus rituais de leitura? A História Cultural e os estudos sobre práticas sociais de leitura oferecerão o aporte teórico necessário para o desenvolvimento do presente estudo, tendo como base metodológica uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas, dirigidas a um universo limitado de 8 leitores e 2 agentes de leitura participantes desse projeto público de fomento à leitura. Dessa forma as análises dos depoimentos apontaram as relações e práticas sociais de leitura na comunidade, por meio de investigação dos indivíduos dentre faixas etárias específicas, denotando o quão presente está a leitura na vida dessas pessoas e no seu dia a dia e o quanto a leitura possibilitou avanços individuais nessas pessoas. Os relatos aqui considerados apontam para uma satisfação quase que unânime com o serviço oferecido e com os benefícios alcançados por meio do projeto em questão. Entre os principais, destacam-se o aumento e a constância na frequência das práticas de leitura, comprovados pelos números positivos nas retiradas da Biblioteca, lideradas pela Tricicloteca.

Palavras-chave: Práticas sociais de leitura. Políticas públicas de leitura, Leitura e circulação de livros

ABSTRACT

The objective of the present research is to investigate the social practices of reading books, opportunized by a project to encourage reading, proposed by municipal public policy, called Tricicloteca, experienced by residents of a small city located in the interior of the State of São Paulo, and as well as the relations and bonds established between readers and objects of reading, as a way of promoting human, intellectual and cultural development. In this way, we search for possible answers and important questions, such as: Is it possible to offer public policies that promote reading to citizens, regardless of their social or economic classes, outside the context and academic and academic experience? What are the daily relations between the citizen, the printed texts and their reading rituals? The Cultural History and the studies on social reading practices will offer the theoretical contribution necessary for the development of the present study, having as methodological base a qualitative research, with the conduction of semi structured interviews, directed to a limited universe of 8 readers and 2 agents of In this way the analyzes of the statements pointed out the relationships and social practices of reading in the community, through investigation of the individuals of specific age groups, denoting how present is the reading in the life of these people and in their daily lives and how much reading has made individual progress in these people. The reports considered here point to an almost unanimous satisfaction with the service offered and the benefits achieved through the project in question. Among the main ones, we highlight the increase and constancy in the frequency of reading practices, as evidenced by the positive numbers in the Library withdrawals, led by the Tricicloteca.

Keywords: Social reading practices. Public policies. Reading. Book circulation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crescimento da População e dos Leitores	16
Figura 2 - Leitores por Regiões Geográficas.....	17
Figura 3 - Logomarca do Projeto Tricicloteca.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do Acervo da Biblioteca Municipal	44
Gráfico 2 - Faixa Etária dos participantes	51
Gráfico 3 - Ocupação dos Leitores	51
Gráfico 4 - Escolaridade dos Leitores	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Foto Aérea do Centro de Gavião Peixoto - 1930	40
Imagem 2 - Sede da Secretaria Municipal de Cultura	42
Imagem 3 - Agente de Leitura com a Tricicloteca pelas Ruas.....	45
Imagem 4 - Repórter em Entrevista à Leitora e Agent.....	47
Imagem 5 - Criança Faz Empréstimos de Livros à Tricicloteca	47
Imagem 6 - Agente de Leitura em Visita à Leitora	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Leitores entrevistados.....	52
Quadro 2 - Agentes entrevistados.....	53
Quadro 3 - Roteiro de entrevista.....	54
Quadro 4 - Questionário dos Agentes de Leitura	54
Quadro 5 - Eixos Temáticos e Questões.....	55
Quadro 6 - Eixo Temático e Questões - Agentes	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Custo Estimado do Projeto - 2013.....	46
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CEBRAC	Centro Brasileiro de Cursos
CPFL	Companhia Paulista de Força e Luz
DVD	Digital Video Disc
EPTV	Emissoras Pioneiras de Televisão
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
INL	Instituto Nacional do Livro
LED	Light Emiting Diode
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONG's	Organização Não Governamental
PEB II	Professor de Educação Básica II
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PNBE	Programa Nacional Biblioteca Escola
PNLL	Programa Nacional do Livro Didático
PNSL	Programa Nacional de Salas de Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SECULT	Secretaria Municipal de Cultura
SEE/SP	Secretaria Estadual de Educação
SISEB	Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LEITURA: TECENDO CONCEITOS	23
1.1 A Leitura, a Escola e as Bibliotecas	30
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA	33
2.1 Gavião Peixoto: uma Inovadora Política Pública de Incentivo à Leitura	39
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA	49
3.1 Leitores: Roteiro	54
4 PEDALANDO COM A TRICICLOTECA: AS VOZES DOS PARTICIPANTES	55
4.1 As Vozes dos Leitores	56
4.1.1 Eixo Temático 1 – Acesso e Interesse ao Projeto.....	56
4.1.2 Eixo Temático 2 – Tipos e Frequência de Leitura.....	59
4.1.3 Eixo Temático 3 – Modos e Espaço de Leitura.....	60
4.1.4 Eixo Temático 4 – Apreciação do Projeto.....	63
4.2 As Vozes dos Agentes	65
4.2.1 Eixo Temático 1 - Acesso e Interesse pelo Projeto	66
4.2.2 Eixo Temático 2 – Mediação de Leitura.....	67
4.2.3 Eixo Temático 3 – Apreciação do Projeto.....	68
CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES	70
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	77
Apêndice A	77
Apêndice B	78
Apêndice C	79
Apêndice D	80
Apêndice E.....	81
Apêndice F.....	82
Apêndice G	83

INTRODUÇÃO

O enveredar pelo Curso de Letras, com o intuito de melhor produzir meus textos literários, fez com que, no decorrer do percurso, descobrisse-me como docente, profissão que abracei desde 2004, antes mesmo da conclusão da graduação. Desde então, a práxis na Educação, como professor de redes públicas estaduais e municipais, inicialmente como eventual e, posteriormente como efetivo, possibilitou-me o contato com diferentes realidades na leitura de alunos, do Ensino Fundamental e Médio, dentro e fora das unidades escolares.

O interesse latente pela escrita literária levou-me ainda à especialização em Língua Portuguesa, Análise, Compreensão e Produção de Textos, concluída em 2008. Em 2012, alcei a efetivação profissional na Rede Pública Estadual, no cargo efetivo de PEB II – Língua Portuguesa, numa escola de Ensino Médio. Com esta vivência, que já dura há mais de uma década, manifestou-se a inquietação relacionada às práticas de leitura de alunos, as quais comecei a investigar e promover meios de torná-las mais atrativas entre os estudantes com os quais trabalhava diuturnamente e com pessoas próximas interessadas.

Todavia, somente em 2013, ao assumir a Secretaria Municipal de Cultura de Gavião Peixoto, como gestor público que, efetivamente, coloquei em prática um projeto que buscava, de forma mais concreta e abrangente, incentivar às práticas sociais de leitura, por meio de políticas públicas que aproximassem os cidadãos comuns dos livros e os livros destes, numa ação totalmente fora do contexto e do ambiente escolar, bem como, da biblioteca tradicional.

Após total reformulação/modernização da biblioteca municipal, nascia então a Tricicloteca, projeto de fomento à leitura, gerido e oportunizado pela Secretaria Municipal de Cultura, destinado a toda comunidade, colocando-a em contato direto com o livro, fora da biblioteca e da escola. Oportunizou-se, então, fomento para que as pessoas realizassem as suas práticas de leituras, buscando a fruição, o entretenimento e a obtenção de conhecimento numa relação amistosa, gratuita, cômoda e direta com significativa parte do acervo da biblioteca municipal.

Paralelamente ao crescimento da população brasileira registra-se, nos últimos anos, o crescimento dos projetos de incentivo e fomento à leitura. Contudo, como contraponto, a leitura de livros dos brasileiros tem, gradativamente, diminuído ou estagnado, como atestam os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2016, por iniciativa da Fundação Pró-Livro. A população com mais de 5 anos em 2007 era de 173 milhões. Em 2011 era de 178 milhões e, em 2015, 188 milhões. Os leitores, 104,7 milhões, são aqueles leram um livro ou parte dele nos últimos 3 meses.

Estimativa populacional

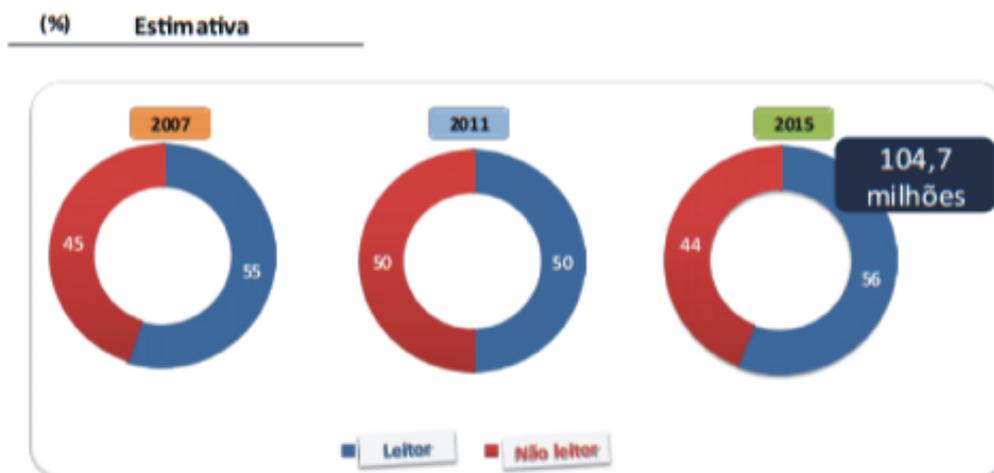


Figura 1 - Crescimento da População e dos Leitores
Fonte: Retratos da Leitura no Brasil 4

A figura acima pontua que houve recrudescimento no número de leitores que em 2007 era 55% e, em 2011, registrou 50%, ou seja, redução real de 5%. Já em 2015, houve o crescimento real de 6% no número de leitores, alcançado o patamar de 56%. Salienta-se que neste período em questão, muitas iniciativas e projetos de fomento à leitura estavam em prática, inclusive, o projeto investigado na presente pesquisa.

Acresça-se à referida constatação que, apesar da acentuação de ações ligadas à leitura, ainda assim, sobressaem-se insuficientes as políticas públicas de fomento à leitura ofertadas à população, seja pela própria escola ou pelos entes públicos das três esferas federativas. Infere-se que a seara da leitura no Brasil ainda é instável, pois os avanços de alguns anos, facilmente se retrocedem em outros. É, também, neste segmento que esta pesquisa pretende contribuir: a relação dos poderes públicos com o incentivo à leitura de livros, de forma perene e constante.

Em meio a outros tantos levantamentos, a mesma pesquisa da Fundação Pró-Livro, mapeia por região geográfica a presença de leitores e não leitores. Na amostragem em telos, considera-se leitor aquele que leu ao menos um livro inteiro ou em partes nos últimos 3 meses.

Com esta configuração, Norte, Centro-Oeste, Sul e Sudeste aumentaram seu número de leitores. Somente a região nordeste manteve a mesma quantidade de leitores (51%), entre os anos de 2011 e 2015. Destaques de crescimento foram o Sudeste (11%), seguido pelo Sul (7%) e Norte (6%). A figura 2, a seguir, oferece mais detalhes sobre o painel da leitura no Brasil:

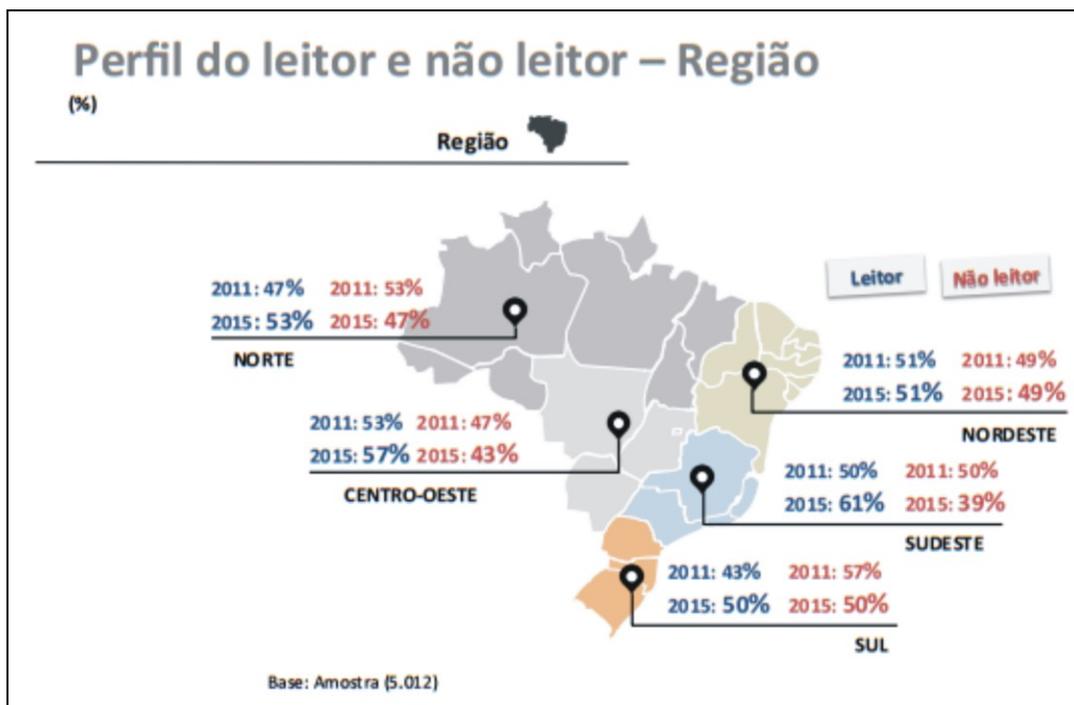


Figura 2 - Leitores por Regiões Geográficas
Fonte: Retratos da Leitura no Brasil 4

A amostragem em questão entrevistou 5.012 pessoas em 317 municípios brasileiros e constatou também que o perfil socioeconômico do leitor brasileiro é: do sexo feminino, católica, estudante, com idade média de 35 anos, com Ensino Médio completo e morador de uma grande cidade (acima de 200 mil habitantes) da Região Sudeste, economicamente ativo e com renda familiar entre 2 e 5 salários mínimos.

Todavia, baseando-se na epistemologia de Roger Chartier, não serão considerados os indicadores quantitativos, como os supracitados, que têm nesta pesquisa somente a função ilustradora da realidade leitora entre os brasileiros. O foco nesta pesquisa serão as abordagens qualitativas sobre a leitura e suas práticas sociais, as quais acabam fugindo destas quantificações, por não serem objetos de estudo dos institutos tradicionais, que não têm capacidade ou intenção de investigá-las.

Entretanto, entender os motivos que nos levam a esse panorama, configura-se como uma tarefa desafiadora. É certo que nem mesmo uma pesquisa específica possa dirimir tais questões e preocupantes inquietações. Não obstante, alguns caminhos são passíveis de serem pavimentados a partir deste estudo, buscando ressignificar o papel das políticas públicas e das práticas sociais de leitura, as quais necessitam acompanhar o desenvolvimento humano e societário em todos os seus âmbitos.

Consideramos que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade letrada, permitindo que este seja capaz de ler e interpretar os diferentes textos que circulam socialmente e também saiba produzir estes textos escritos com competência. (PLATZER, 2013, p.55).

Face ao exposto, segundo a História Cultural, desde o surgimento da escrita e o desenvolvimento da leitura, o homem vivencia em sua existência o dilema das diferentes práticas de leitura, as quais, assim como o próprio homem e a sociedade evoluem diacronicamente. Tomem-se por base os hipertextos e os mais diversos suportes digitais da contemporaneidade à disposição dos leitores. A escola é apenas um apêndice desse processo e, entre tantas outras prerrogativas, não pode e nem deve concentrar todas as ações de fomento e práticas sociais de leitura, inclusive, a do livro impresso.

Dicotomias assim motivam o interesse por pesquisas como esta, que têm como foco investigar as práticas sociais de leitura de livros impressos e as possíveis relações dos leitores com os objetos lidos, seus rituais e impressões, em seus espaços e ambientes sociais e individuais.

Com base nessa realidade, miríades de questionamentos são aventadas e se atendo a alguma delas, busca-se respostas e propostas para reflexões acerca de indagações como: é possível oferecer políticas públicas que fomentem a leitura de textos impressos aos cidadãos, indistintamente de suas classes sociais ou econômicas, fora do contexto e da vivência escolar e acadêmica? Quais as relações cotidianas entre o cidadão, os textos impressos e os seus rituais particulares de leitura? Estaria a leitura de textos impressos - sobretudo livros - vivendo um acentuado declínio ou crise?

A vasta obra de Chartier enfoca a História Cultural das práticas da leitura, bem como a relação estabelecida pelos sujeitos com tais práticas ao decorrer do encadeamento histórico, lançando luz sobre estas indagações e inquietações. Chartier (2011) também explora as representações e gestos que se construíram historicamente, cotejando as diferentes relações com o escrito, nas diversas comunidades de interpretação. Tudo isso torna a epistemologia de Chartier base salutar para uma pesquisa dessa natureza, como se confirmará, mais adiante.

As práticas de leitura constituem-se também como elementos compositores da cultura de um povo e, ambas (leitura e cultura) ganharam, nas últimas décadas, maior atenção da comunidade científica, mantendo-se no mesmo patamar de outros campos da sociedade, antes tratados com maior ênfase e importância. Esta pesquisa em si, corrobora com essa afirmação, pois denota a preocupação com o levantamento de dados qualitativos sobre o universo da leitura, que no Brasil, via-de-regra, são mensurados pelo quantitativo.

Nesse sentido, conforme Veiga-Neto (2003), embora a cultura tenha ocupado um lugar privilegiado nos debates acadêmicos, políticos e da vida cotidiana, esta não é, epistemologicamente, superior às outras instâncias sociais (educação, política, economia), as quais deve perpassá-las. Assim, essa expressão indica a situação da leitura em sua concretude, englobando o conjunto de elementos (texto, leitor, local, suporte) que concorrem para a criação dessa situação, sempre aceita como histórica e, por isso, múltipla e mutável.

Trata-se, portanto, antes de mais nada, de sinalizar como os objetos tipográficos encontram inscritos em suas estruturas a representação espontânea, feita por seu editor, das competências de leitura ao qual ele se destina. (CHARTIER, 2011, p.98).

Desse modo, os estudos sobre leitura importam, pois devem considerar um dado momento e grupos sociais determinados, a fim de conjecturar sobre quem lê, o quê, onde, quando, de quais modos, por quais motivos e com qual intensidade ou frequência.

Essas investigações, conforme Chartier (2001), podem ainda perceber como determinados processos – de natureza técnica ou social mais ampla - intervêm na supressão do público leitor, nos modos de ler, nas maneiras de resignificação e atribuição de sentido, na própria organização da página, do impresso, de seus suportes.

Consoante a Klebis (2008, p.38), a escrita e a leitura estão intrinsecamente ligadas à escola, sendo que a leitura tem uma estreita correlação com a biblioteca escolar, já que estas são consideradas espaços mais importantes à iniciação de leitores. Contudo, as bibliotecas de modo geral ainda se configuram como espaços pouco convidativos aos leitores iniciantes, o que se explica pelo viés cultural.

Esses “templos do saber” parecem não terem sido erigidos para o sujeito ordinário, ao contrário, a biblioteca parece forçosamente destinar-se ao “sábio”, ao “erudito”, ao “pesquisador”, ao “escritor”, ao “professor universitário”, ao “*nerd*”, isto é, uma minoria que, por uma razão ou por outra, sinta-se à vontade neste ambiente fantasmagórico de “iniciados” (KLEBIS, 2008, p.38-9).

Ainda em relação às bibliotecas tradicionais, elas são em sua esmagadora maioria geridas pelo setor público, que, a olhos vistos, não consegue manter serviços essenciais como saúde, educação e segurança, quiçá, serviços de natureza cultural, tão publicamente cerceados e reprimidos na atualidade.

Como então, apesar das crescentes taxas de redução do analfabetismo no Brasil (paradoxo com a redução de leitores), fazer com que estes, sobretudo, iniciantes, promovam suas práticas sociais de leitura longe das bibliotecas escolares e das bibliotecas tradicionais?

Cenários complexos como esses necessitam de apontamentos, mesmo que mínimos, para que as práticas sociais de leitura sejam expandidas e ofertadas, inclusive, pela ação direta de políticas públicas nas diferentes esferas de governo, alcançando o sujeito ordinário, aquele que não frequenta as bibliotecas escolares e tradicionais.

Refletir sobre essas premissas torna algumas questões basilares: como ampliar a leitura de livros impressos em meio aos diversos suportes tecnológicos em uso na atualidade? Qual o perfil dos leitores do século XXI? Como é o acesso aos bens culturais na atualidade? Há políticas públicas de leitura efetivas, as quais contribuam com o letramento do cidadão ordinário?

São muitas as perguntas; amplas e complexas as respostas. Evidentemente, não se pretende aqui, dirimir todas essas questões e formular réplicas miraculosas. Contudo, a vasta literatura acerca do tema possibilita-nos abordagens significativas, por meio de uma rigorosa revisão bibliográfica.

Higa (2015) explora numa pesquisa qualitativa a mediação afetiva entre família e indivíduo leitor por meio da participação familiar nas bibliotecas, no campo das discussões sobre a leitura e a constituição do leitor, identificando as ações que desenvolvem os vínculos afetivos positivos entre a criança e os livros.

Platzer (2009) investiga questões salutaras na temática das práticas sociais de leitura infantil, abordando as formas como se dá o encontro entre objetos de leitura e seus leitores, quais as suas expectativas, interesses e necessidades, quais modalidades de leitura são praticadas, se há mediação de outros leitores e quais apropriações e rituais são mais frequentes e presentes para essas crianças.

Goulart (2010), por outro lado, investiga os idosos com o propósito de compreender a interação e o vínculo que se constrói no decorrer do tempo entre leitor e a leitura através do livro, por meio de entrevistas com pessoas, a partir de cinquenta anos, que guardaram seu livro do período em que estudaram, bem como daquelas que, em um determinado momento de suas vidas, adquiriram outro exemplar deste impresso, ou mesmo, daqueles que conservaram o livro de outra pessoa, revelando como um objeto – livro que se torna revelador das marcas de um tempo, destacando-o como objeto cultural e desencadeador de práticas de leitura.

Klebis (2006) pesquisa os vínculos entre indivíduo e livros, especialmente no interior das escolas e bibliotecas escolares, com o objetivo de melhor compreender a percepção dos aspectos em que se desenrolam os papéis das políticas públicas de fomento ao livro e à leitura, bem como os da escola, da biblioteca e do professor.

Rochetti (2012) examina o acesso aos livros por meio da locação e as práticas presentes nesse espaço, dos leitores e das leituras que desenvolvidas numa locadora, espaço não convencional de leitura e de circulação de livros, o que se mostra inovador, tão quanto o projeto ora investigado: Tricicloteca. Muitas iniciativas similares no campo do fomento à leitura são realizadas pelo país afora, seja por ONGs, setores públicos e até privados. Pesquisas como esta ajudam a dar-lhes visibilidade e atestar sua efetividade junto à sociedade brasileira.

Diante do exposto, a presente investigação preconiza investigar as práticas sociais literárias em determinado grupo social, no qual a circulação de livros impressos é proposta por política pública municipal, dentro do projeto intitulado Tricicloteca, o qual viabiliza e oportuniza o acesso aos livros, bem como as relações e vínculos estabelecidos entre leitores e objetos de leitura, como forma de promover o desenvolvimento humano, intelectual e cultural.

Objetivos específicos também são aqui contemplados como: viabilidade de políticas públicas de incentivo à leitura e circulação de livro impresso em pequenas cidades; compreensão de como se dá a relação entre livro e leitor no projeto; entender as motivações que levaram os leitores a aderirem ao projeto em tela; e, fortalecer ações desta natureza, que primem pela leitura como fonte de obtenção de conhecimento, cultura e cidadania.

De tal modo, por meio de uma pesquisa qualitativa, alicerçada na análise dos relatos de oito leitores e dois agentes de leitura participantes do projeto, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, posteriormente, agrupadas por eixos temáticos, foi possível lançar luz ao papel emancipador dos projetos de incentivo à leitura, oportunizados pelo poder público. Zelou-se, ainda, por entrevistar dois participantes de cada faixa etária, possibilitando um maior alcance das diferentes impressões, baseadas na experiência de cada leitor com os livros lidos no projeto, sua bagagem e historicidade cultural, suas visões de mundo de acordo com o acúmulo de conhecimento humano, proporcionado pela experimentação etária.

A pesquisa está organizada em 03 seções. Na primeira seção abordar-se-á, brevemente, a gênese da leitura, da escrita e do livro impresso, bem como seus conceitos fundamentais sob a ótica de vários autores. Na segunda seção traçam-se apontamentos sobre políticas públicas de leitura e como os entes federados podem oferecer à população brasileira

produtos culturais de qualidade no tocante à leitura e suas práticas. A terceira e última seção é dedicada à análise dos dados coletados em campo, para estudo de caso do projeto Tricicloteca na comunidade leitora de Gavião Peixoto. Soma-se ainda, a esta disposição estrutural da pesquisa, a Introdução (pré-textual) e as Considerações Importantes (Pós-textual).

1 LEITURA: TECENDO CONCEITOS

Esta seção abordará, brevemente, numa perspectiva diacrônica, a gênese da leitura, da escrita e do livro impresso, em busca de se explorar e tecer conceitos fundamentais sobre a leitura sob a o prisma de vários autores.

Evidentemente, cada um de nós, durante nossa trajetória de vida, formamos uma determinada concepção sobre leitura, seja ela implícita ou explícita, baseada nas práticas que executamos e nas experiências vividas na sociedade. Assim também o fazemos com outros conceitos e acepções.

No dicionário Houaiss (2009), o termo leitura refere-se, entre outras tantas denotações, à ação de compreender um texto escrito; ao hábito ou costume de ler; compreensão ou interpretação de qualquer representação e modo de entender, de compreender algo que se lê.

No caso da leitura, faz-se sedimentada a crença de que ela exerce função essencial na formação do indivíduo, uma vez que por meio dela amplia-se o vocabulário, adquire-se conhecimento, desenvolve-se a criticidade, sendo esta última, condição basilar para o exercício da cidadania, bem como, contribui a leitura para a formação social e cultural do indivíduo.

Silva comungando de uma visão coletivista, afirma que:

Essa concepção ou definição surge de nossa convivência social com outros homens e, mais especificamente, de situações vividas dentro daquelas instituições onde o livro e a leitura se fazem mais diretamente presentes. (escola, biblioteca e família). (SILVA, 1999, p.47).

Doutro modo, Faria et al. (2005) apontam uma conotação mais técnica e mecânica da leitura, definindo-a como o método de proferir em voz alta ou para si mesmo o texto impresso. Tal ação individual se faz correndo os olhos pelas linhas, transformando sinais visuais e luminosos em sinais sonoros mentais. Destarte, ler implica, portanto, em conhecer, interpretar e decifrar um código.

Com uma visão mais ampla Macedo (1999) pontua que ler provém de sua palavra correlata em latim, *legere*, que significa, no seu sentido próprio, colher, recolher. Nestas acepções, Macedo (1999, p. 123) destaca dois movimentos: “Do ser que “colhe” vestígios e informações que se encontram no mundo externo e as “recolhe” para si. Portanto, ler é descobrir caminhos, conhecer e reconhecer o mundo a nossa volta”.

Contudo, é mais assertivo e prudente para o enfoque desta pesquisa evitar definições reducionistas de leitura. Debruçar-se-á este estudo, sobre significações mais abrangentes como eleger, escolher, como movimento construído ou ação adquirida pelo indivíduo, sobretudo, para fins de fruição, entretenimento, reflexão e obtenção de cultura letrada e conhecimento.

Magalhães e Silva (2007, p. 8) pontuam que “[...] tudo começou quando a sociedade precisou criar um código reconhecido e aceito por todos, o qual seria usado para operar as relações familiares, sociais e econômicas”. Eis a gênese da leitura.

Neste tocante, Silva (1999) admoesta-nos que, diferentemente de outras sociedades mais justas e equânimes, na sociedade brasileira, constituída de classes antagônicas, essa mesma leitura se apresenta como privilégio e não de direito a toda população, como tantos outros direitos, serviços e benesses sociais.

Considerando-se que a leitura se faz presente desde o nosso nascimento, com a decodificação de sinais emitidos ao nosso redor, o que reforça um conceito de leitura, além da mera aquisição mecânica do código alfabético, também defendido por Silva (1999), não acontece de forma equilibrada, tendo como fontes as distorções socioeconômicas brasileiras, ou em outras palavras, injustiça social.

Silva (1999) enfatiza ainda a contradição gigantesca entre a propagação da importância da leitura, por meio do acesso ao livro, e as condições concretas de sua produção, disseminação e incentivo disponibilizados à população brasileira, sobretudo, aos grupos de menor favorecimento econômico, premissa que vai ao encontro do projeto ora analisado.

Pertinente é, também, discorrer sinteticamente sobre os primórdios desse importante processo, exclusivamente inerente ao homem que, contribuiu com a evolução intelectual, social e artística da humanidade, dentre outros âmbitos tão importantes quanto.

Diacronicamente, consoante a Magalhães e Silva (2007), passou-se, então o homem a preocupar-se com a escrita, ou seja, com uma forma de fixar os códigos estabelecidos. Historicamente, sabe-se que as anotações eram feitas em tabuletas de argila, em papiros e em pergaminhos. Estes dois últimos tratavam-se de papéis de baixo custo, onde o escriba documentava a informação oral declinada pelo poeta ao administrador, o qual buscava contabilizar suas propriedades e ganhos.

Este trabalho individual, especializado e de difícil circulação, prolongou-se até o século XV da era cristã, quando a invenção dos tipos móveis e da impressão mecânica propiciou, pela primeira vez, a produção em escala industrial de textos impressos. (MAGALHÃES; SILVA, 2007, p. 12).

Ainda conforme Magalhães e Silva (2007), a escola surge como meio de ensinar aos povos a leitura, mesmo não dispondo inicialmente de pessoas preparadas e qualificadas para tal tarefa. A escola embrionária outorga então, aos poucos escravos privilegiados da época que aprendiam a ler, o papel de ensinar a leitura, a decifrar e decodificar as letras e as palavras. Desde então, basilar tem sido o papel da escola frente ao ensino da leitura e da escrita com ênfase nas últimas décadas ao papel da alfabetização e do letramento.

Nesse processo evolutivo, a história da leitura se torna indissociável da história da educação, elegendo a escola como espaço de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, como pontuam Magalhães e Silva (2007, p.14), “[...] é importante enfatizar que a aprendizagem da leitura e da escrita traz questões para o aprendiz, mais amplas, que rompem os limites estreitos colocados pelas diferentes abordagens teóricas”.

Outrossim, a leitura, como fruto de uma escola atuante e voltada à valorização da educação, após muitas transições e mudanças institucionais no seu papel, passou a ocupar uma posição privilegiada em nossa sociedade, sobretudo, na contemporânea. Ler passou a significar poder, o pleno exercício da cidadania.

Ao adquirir letramento, conseguia o indivíduo ascender ao mundo do conhecimento, fazendo parte da sociedade capitalista, ou seja, a leitura configura-se também como ferramenta de transformação social. Segundo Lajolo & Zilberman (2006), a história da leitura contempla a história da sociedade capitalista, onde a política, para valorizar a leitura como ideia, ainda está vinculada ao fator econômico.

Poder-se-ia, aqui, discorrer sobre inúmeros outros prismas envolvendo as diversas concepções de leitura, servindo-se de rico aporte teórico. Todavia, não seria condizente com os objetivos aqui propostos. Tão logo, consoante a Freire (2008), concentremo-nos na concepção libertadora da leitura de mundo, a qual a partir das palavras e textos escritos, donde o indivíduo desnuda miríades de realidades, impressões, significados e possibilidades. Mais do que ler um livro, é preciso ler o mundo, mesmo que por meio das páginas impressas.

Chartier (2002) explana que foi a partir dos anos 60 que os estudos sociais se acentuaram, por meio do assentamento das ciências sociais nas conjunturas econômicas, demográficas e sociais. Coube então à história ressignificar seus estudos, deixando a hierarquia das posições para a das representações, colocando em prática desbravamentos.

Daí a emergência de novos objetos no seio das questões históricas: atitudes perante a vida e a morte, crenças e comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. (CHARTIER, 2002, p.14).

Assim, a História Cultural, tal como se apresenta, foi formulada e tem por principal objetivo identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Fica latente, portanto, a correta aplicação da história cultural nas análises do presente estudo.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que se forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p.14).

Inequivocamente a leitura revela-se como atividade intrínseca e permanente da condição, da existência e das representações humanas. Tão logo, a leitura é uma habilidade que deve ser adquirida pelo homem desde os seus tenros anos de idade. Ademais, em movimento contínuo, a todo tempo estamos lendo na sociedade, não somente nas escolas e grupos de estudo. Muito mais do que jornais, revistas e redes sociais eletrônicas, a leitura permeia diversos momentos da vida cotidiana, seja individual ou coletivamente. Partindo-se dessa premissa, tem-se importante explanação:

Na atualidade a leitura está presente em várias situações cotidianas das pessoas, tomando como exemplo, a dimensão pública: os políticos leem em voz alta seus discursos ao público; nos grupos de estudo há uma leitura compartilhada daquilo que se está discutindo; diante dos exemplares expostos em uma banca de jornal, as pessoas leem e comentam as notícias que vão aparecendo. Há também uma leitura compartilhada na intimidade: a leitura do jornal da manhã, a leitura noturna de contos para os filhos. (LERNER, 2002, p. 60).

Denota-se no excerto acima que a leitura e a escrita abrolham, desde muito cedo, sempre inseridas nas relações com as outras pessoas, supondo inúmeras interações entre os leitores acerca dos textos lidos. Embora, majoritariamente, seja a leitura uma ação individual, a comunhão das impressões dela advindas torna-se ato coletivo e socializado.

Comentar com outros o que se está lendo, recomendar o que se considera valioso, discutir diversas interpretações de uma mesma obra, intercambiar ideias sobre as relações entre diferentes obras e autores. (LERNER, 2002, p. 61).

Corroborando com a história cultural e as teorias de Chartier, a leitura, inexoravelmente, força o indivíduo a sair do seu casulo e a se relacionar com os outros, com o mundo, com suas representações e com as realidades que o cercam.

A leitura atende a várias reivindicações e demandas sociais, promovendo a autonomia do cidadão, não só no campo intelectual e cultural, ainda conforme a autora em epígrafe:

Ler para resolver um problema prático (fazer uma comida, utilizar um aparelho, construir um móvel); ler para se informar sobre um tema de interesse [...]; ler para escrever, quer dizer, para produzir o conhecimento que se tem sobre o tema do artigo que a pessoa está escrevendo [...]; ler para buscar informações específicas que se necessitam por algum motivo – o endereço de alguém ou o significado de uma palavra, por exemplo. [...] Os projetos vinculados à leitura literária se orientam para propósitos mais pessoais: leem-se muitos contos ou poemas, para escolher aqueles que se deseja compartilhar com outros leitores; leem-se romances, para se internar no mundo de um autor, [...] ou para viver excitantes aventuras que permitem transcender os limites da realidade cotidiana. (LERNER, 2002, p.80).

Muito além disso, Silva aponta que:

O valor da leitura tende necessariamente para os horizontes de conquista da conscientização, da criatividade e da cidadania. Mas especificamente, as pessoas devem ler e conviver com livros para não permanecerem na condição de massa de manobra de um sistema social injusto (SILVA, 1999, p. 2).

Necessariamente, o homem lê para sonhar, conhecer, viajar, manipular o próprio tempo, aprender, realizar, entreter e se deleitar, envolvendo-se em ideias e fatos, fantasia e realidade, fazendo-se interagir mais livremente com o mundo, de forma mais crítica, segura e emancipadora, seja por qualquer gênero ou suporte textual. Endossa-nos essa premissa libertadora da leitura:

Dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida, tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles. (SILVA, 1999, p.49).

Nessa perspectiva, a leitura passa a se configurar como um meio eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da individualidade do leitor, que, por sua vez, aprimora também a comunidade ou sociedade da qual faz parte. Portanto, a leitura aplicada sobre determinados objetos ou textos, foi impulsionada com importante avanço tecnológico, no tocante aos livros impressos:

A invenção da imprensa não modificou as estruturas fundamentais do livro, composto, depois como antes de Gutenberg, por cadernos, folhetos e páginas, reunidos em um mesmo objeto. Nos primeiros séculos da era cristã,

a forma nova do livro, a do códex, se impôs em detrimento do rolo, porém, não foi acompanhada por uma transformação da técnica de reprodução dos textos, sempre assegurada pela cópia manuscrita (CHARTIER, 2010, p. 9).

Desde a invenção da imprensa e a publicação da Bíblia de Guttemberg¹, um oceano de novos suportes tecnológicos e hipertextos seduzem e perturbam os leitores modernos. Contudo, a leitura de livros impressos e suas correlações ainda persistem e resistem, mantendo-se indispensáveis em meio aos novos e aos leitores mais tradicionais, os quais não dispensam o folhear das páginas e o cheiro característico dessas publicações, fazendo ainda hoje do livro impresso, um bom caminho para a leitura, a literatura e a fruição.

Infere-se que, por meio do encontro com as mais diversas formas de literatura, é por meio das diferentes leituras e suportes que os homens têm o ensejo de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, corroborando também com os outros.

Trata-se sem dúvida de uma tarefa urgente hoje, numa época em que as práticas do escrito se encontram profundamente perturbadas. As mutações de nosso presente transformam, ao mesmo tempo, os suportes da escrita, a técnica de sua reprodução e disseminação, assim como os modos de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade. (CHARTIER, 2010, p. 8).

Nesse sentido, a leitura - não só de impressos, devido aos vários suportes da modernidade - apresenta-se como veículo de manifestação de cultura, mas também, de ideologias libertadoras e transformantes. Desde os rolos de Alexandria, passando pelas páginas de papel dos velhos e bons livros, chegando aos suportes digitais da modernidade, a leitura está sempre buscando novos caminhos de se estabelecer entre a humanidade.

De fato, a primeira tentação é comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg. Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. (CHARTIER, 1998, p. 7).

Tomando um conceito de representação mais particular e historicamente determinado, como preconiza Chartier (2002, p.20), pode-se melhor compreender o funcionamento de uma

¹ Segundo Caldeira (2002), Johann Gutenberg inventou o processo de impressão com caracteres móveis - a tipografia. Nascido, em 1397, da cidade de Mogúncia, Alemanha, aprendeu na Casa da Moeda a arte de trabalhos em metal. Em 1428, em Estrasburgo, fez as primeiras tentativas de impressão. Segundo dados históricos, em 1442, foi impresso o primeiro exemplar em uma prensa. Em 1448 volta à sua cidade natal, e dá início a uma sociedade comercial com Johann Fust e fundam a 'Fábrica de Livros' - nome original Werk der Buchei. Entre as produções está a conhecida Bíblia de Gutenberg de 42 linhas, em latim, tida como primeiro livro comercial impresso no mundo.

sociedade ou determinado grupo social e inferir sobre suas operações intelectuais de apreensão do mundo, o que se evidencia, de sobremaneira, na leitura.

Contudo, a mesma não está limitada ao livro impresso. Pelo contrário, outros suportes como jornais, revistas, quadrinhos, cartas e bilhetes, entre inúmeros outros, ajudam a construir essas representações modernas acerca da leitura.

Não obstante, a modernidade também trouxe inegáveis contribuições ao universo da leitura, sobretudo, aos novos suportes dos textos escritos, conquistando os mais jovens com telas, aplicativos e hardwares de leitura, como o *kindle*. Tudo isso, sugere algumas considerações descritas nas próximas linhas.

Sendo, portanto, a leitura uma prática cultural, como nos atesta Chartier (2002), são preciosas as contribuições da revolução tecnológica que também assolou a leitura, os leitores e o livro, sendo que a este último, o trata como objeto. Enquanto objeto, o livro ainda conserva essência e características angulares, mesmo após a terceira revolução reproduzida pela explosão de suportes eletrônicos e digitais.

A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno (CHARTIER, 1998, p. 08).

Todavia, a corporeidade empregada na leitura do livro manuscrito deu espaço a corporeidade do livro impresso que, por sua vez, deu espaço a outra corporeidade, mais rígida e suprimida, oriunda das telas, de outros “objetos” e dos textos eletrônicos da modernidade, porém, sem resigná-la.

Aliás, é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. [...] todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 12).

Categoricamente, Chartier (1998) afirma que o leitor contemporâneo, de um lado é como o leitor medieval de manuscritos ou o leitor do livro impresso, que pode também se servir de referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Porém, ao mesmo tempo,

o leitor atual é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância, inclusive física, com relação ao escrito.

Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O leitor do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. (CHARTIER, 1998, p.13).

A liberdade corporal que os novos suportes tecnológicos oferecem ao leitor é apenas a ponta do *iceberg* nos afastamentos promovidos pela era digital dos textos, atingindo também a escrita. Essa nova revolução ressignificou também o papel da produção, edição e circulação textual, dispensando os papéis profissionais já consagrados deste a consagração da imprensa.

Daí, ao abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tomadas quase contemporâneas umas das outras. (CHARTIER, 1998, p. 16).

Apesar de ser uma realidade latente e digna de investigações, o foco da presente pesquisa dirige-se à leitura do livro impresso e suas relações implícitas, como proximidade, manuseio, corporeidade, práticas individualizadas, sociais e suas significações em determinado grupo social. Portanto, é mais razoável explorar os âmbitos que englobam a leitura de livros, na qual, a escola e as bibliotecas apresentam ainda hoje, um papel relevante. Tratar-se-á disto doravante.

1.1 A Leitura, a Escola e as Bibliotecas

Após ligeira visitação de conceitos e definições sobre livro e leitura, correção das práticas de leitura sob a ótica da história cultural, urge discorrer sobre as estreitas relações entre a leitura, a escola e as bibliotecas. Nesse tocante, constata Yunes (2016, p. 44): “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”.

É exatamente nesse contexto que a biblioteca escolar adquire um papel essencial, pois possibilita o acesso à leitura, disponibilizando o mundo, por intermédio dos livros. Além disso, é um instrumento fundamental para o apoio à concretização da educação, pois é o local onde se desenvolve a criatividade, o senso crítico e a imaginação, um ambiente propício para o

incentivo ao desenvolvimento de novos leitores, enfim, um espaço de encontro do leitor com os livros. (YUNES, 2016, p. 46).

Nesse sentido, embora sabidamente nem sempre isso aconteça na dita era da informação, a biblioteca deve ser vista como um espaço dinâmico, de uso constante, onde se colhem informações e se usufrui delas para o aprendizado.

Nela, todos devem ter acesso ao acervo, podendo manuseá-lo, senti-lo, circulando entre os livros e percebendo como eles são organizados. O livre acesso é, por si só, um estímulo essencial para leitores, excluindo-se assim o equivocado e controverso rótulo de local intocável e inacessível, seja na escola ou num acervo público não-escolar.

Porém, seja numa escola ou fora dela, a função de organizar uma biblioteca exige atenção e conhecimento sobre os livros existentes para catalogá-los corretamente, bem como, a observação de regras e métodos que devem ser seguidos para que se alcancem os objetivos desejados. Um deles é transformá-la em um local ativo, melhorando os índices de leitura, promovendo a consciência sobre a importância desse espaço dentro e fora do ambiente escolar. O projeto em questão procura atender a essa premissa, a qual é uma tarefa ainda mais Hercúlea. Para isso, Silva numa biblioteca escolar receita:

[...] deve se colocar como o cérebro da escola, ou seja, o local de onde partem os movimentos básicos em direção a recreação ou criação do conhecimento, servindo a professores, alunos e comunidade. Caso seja definida desta maneira, a biblioteca deixa de ser um complemento ou apêndice secundário de trabalho, transformando-se num recurso básico para as decisões curriculares, permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem significativa dos estudantes e a participação da comunidade em termos de indagações várias. (SILVA, 1999, p.112).

Inexoravelmente as bibliotecas públicas, assumem um papel fundamental ao possibilitar o acesso à leitura, sendo necessário que seus títulos tenham fácil manipulação, de forma que os usuários possam localizar-se facilmente, disponibilizando, o mundo pela leitura.

Contudo, a modernidade esvazia pouco a pouco as bibliotecas de pessoas desejosas de leitura, principalmente do velho e bom livro. Mais do que nunca, na atualidade, fazem-se necessárias iniciativas que estimulem o uso constante da biblioteca, propiciando o hábito da leitura de livros e outros suportes, com métodos que agucem o imaginário e tornem a biblioteca num espaço dinâmico, fundamental para a fruição da leitura, que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual, tão almejado pela escola.

Dessa perspectiva, ensino e biblioteca são instrumentos complementares:

[...] ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO apud SILVA, 1999, p. 67).

Ainda nesta ótica, o leitor deve ser visto como a peça principal do processo de leitura de forma continuada, pois a leitura constante remete ao prazer, ao vício, sendo cultivada à medida que o indivíduo se constrói como leitor seja na escola, na biblioteca ou fora dela.

Machado (2002, p.14) adverte que “ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever”. Assim, a ação de ler não deve resultar da imposição ou obrigação, almejando-se nota ou como até mesmo como forma de punição, ações tão comuns na escola.

A leitura deve resultar do prazer, do entusiasmo, da convivência e entrega ao livro. Quando a leitura é imposta como um dever, há sempre a possibilidade de afastamento. Porém, vendo-a como uma ação facultativa, voluntária, nela o leitor encontra-se com novas descobertas, encantando-se, e avançando nessa caminhada. (MACHADO, 2002, p.14).

Notório é, portanto, que um aluno ou cidadão somente será um bom leitor, caso entenda que a leitura se construa nele com prazer, como algo benéfico e saudável, capaz de transformar sua consciência, competência, sensibilidade e imaginação, bem como, a forma de encarar o mundo, a realidade e suas representações, como se explicitou nos tópicos iniciais deste estudo Freire (2008, p. 11): “A prática da leitura se faz presente na vida das pessoas desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

É desta premissa que surgiu o projeto aqui investigado, pois procura estender o alcance da biblioteca escolar e tradicional, não esperando estática em suas dependências por seus leitores, mas, indo ao encontro dos mesmos, incentivando-os, mobilizando-os e motivando-os à leitura, prática cultural de relevada importância para a história cultural de uma comunidade, de uma sociedade, de um povo, de uma nação.

Por isso, o foco da presente pesquisa persiste voltado à leitura fora dos ambientes escolares e da própria biblioteca pública, buscando mensurar, o quanto os cidadãos atendidos pelo projeto em questão, incorporaram a leitura ao seu cotidiano e quais as relações e representações estabelecidas por estes leitores e seus objetos: os livros impressos.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA

Nesta seção resgatar-se-á apontamentos históricos sobre políticas públicas de leitura e como os entes federados já ofereceram no passado à população brasileira e podem oferecer no presente, políticas e programas de incentivo à leitura e suas práticas sociais.

Uma vez discutido - mesmo que sucintamente - o papel da escola e das bibliotecas acerca da leitura, é indispensável refletirmos sobre o papel do Estado, entre tantas outras prerrogativas, frente ao desenvolvimento e fomento da leitura entre os seus cidadãos. É possível forjar uma nação evoluída, justa, equânime sem perpassarmos pela educação e leitura? Não são estas questões centrais desta pesquisa, mas nos servem como indagação inquietante e reflexiva, frente ao enorme desafio brasileiro.

Apesar de não haver definição ou conceituação única para este termo, entende-se que o mesmo integra as ações e mediações entre sociedade e o poder público, que na República Federativa do Brasil, apresenta-se em três esferas: Federal, Estadual e Municipal. Quais seriam então as principais características e finalidades de tais políticas? Quais seriam os olhares voltados para nesse caso, o livro e a leitura dos cidadãos? Muitos são os questionamentos, bem como muitas também são as respostas.

Políticas públicas são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre o poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamento) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos. (TEIXEIRA, 2002, p. 2).

É na seara exposta por Teixeira (2002) que se pretende desvendar as possibilidades exequíveis de projetos e propostas políticas para o livro e a leitura dos brasileiros, justamente por apresentarmos como nação, indicadores que apontam para maiores e maciços investimentos no campo da educação e leitura.

No entanto, é preciso visitar o nosso passado recente em busca de exemplos práticos que possam solidificar o conceito de política pública ora defendido. A história brasileira pontua algumas ações no sentido de incluir o livro e a leitura em programas voltados à sociedade. No Brasil, histórica e inegavelmente, o acesso aos livros e à leitura, como bem cultural, sempre foi demanda de um público privilegiado social e economicamente.

Tal restrição - assim como tantas outras - exigiu sempre dos poderes públicos constituídos, ações efetivas de políticas públicas que perdurem a democratização de acesso ao livro e à formação de leitores.

É necessário salientar que, na década de oitenta, prevalecia do Estado para a sociedade, o autoritarismo e a repressão social, com notória violência aos direitos individuais e políticos, inibindo entre tantas outras, a participação popular nos projetos de políticas voltadas ao livro e a leitura. (ALMEIDA; MEDEIROS, 2013 p. 327).

Goulart (2010) admoesta que as políticas públicas de leitura no Brasil ainda se apresentam distantes da área cultural e educacional, iniciando suas adoções no século XIX, diante de uma atmosfera hostil nos âmbitos políticos, sociais, econômicos. Contudo, a partir da década de 60 - com maior ênfase na década de 70 - é que a leitura passou a ser vista como política pública governamental, necessária às demandas sociais e econômicas do século XX.

Foi justamente durante a “Era Vargas”, marcada por autoritarismo e nacionalismos virulentos que se procurou formar uma nova, por assim dizer, elite intelectual nacional, com medidas realizadas ao longo de 15 anos. A Primeira delas foi a criação do Ministério da Educação (MEC), em 1930 (ALMEIDA; MEDEIROS, 2013, p. 327).

Em 1937, por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema, o Instituto Nacional do Livro (INL), editou e distribuiu obras literárias para a formação cultural da população, por meio da leitura. Por fim, essas empreitadas culminaram com a expansão do número de bibliotecas pelo Brasil, embora houvesse controle das obras publicadas e sobre o que a população deveria ou não ler.

Não é novidade alguma, que durante o Regime Militar, instaurado a partir de 1964, a relação do Governo Federal com as artes, a literatura, a imprensa e conhecimento em si, usando de singular eufemismo, seguiu estremecida. Além do exílio e prisões de escritores, artistas, jornalistas, professores e intelectuais, praticamente cessaram-se as políticas públicas relacionadas ao livro e à leitura.

O pouco acesso ou a inexistência de dados e informações governamentais desse período, não permitem a reprodução de um painel fidedigno sobre as políticas públicas relacionadas ao livro e a leitura, porém, algumas breves considerações demonstram como essa importante área social era tratada pelos governantes: Neste período, a política de bibliotecas públicas pode ser caracterizada em três períodos diferentes, marcados pelas três novas gestões do INL, demonstrando a descontinuidade da política pública, que muda completamente, seguindo concepção pessoal de seus dirigentes (PAIVA, 2008, p. 32).

Para Paiva (2008), o primeiro dirigente, o general Umberto Pelegrino, de 1967-1969, conferiu à biblioteca pública o papel de instrumento da integração nacional e, conseqüentemente, seus títulos e escritores deveriam estar a serviço da nação, segundo a ótica política vigente. Poucos avanços significativos foram registrados e, se foram, tiveram o compartilhamento dificultado.

Paiva (2008) assinala que a bibliotecária e escritora, Maria Alice Barroso, foi quem dirigiu o INL no segundo período (1970-1974). No tocante à política do livro, esta foi transferida da esfera cultural para a educacional e a biblioteca pública foi definida como suporte ao estudo formal, ou seja, como biblioteca escolar.

Notadamente, essa era uma concepção perfeitamente alinhada às diretrizes educacionais dos governos militares, que incluíam, pela primeira vez, a pesquisa escolar como método de aprendizagem. À primeira vista, o que parece ser avanço, se mostrou como retrocesso nas políticas públicas de incentivo ao livro e à leitura:

O principal problema da escolarização da biblioteca pública é o desvio de rota que ela causou. Ao voltar-se para o público escolar, as bibliotecas públicas deixam de evoluir em direção ao apoio à educação permanente, a chamada educação ao longo da vida – que deveria justamente promover serviços para os cidadãos comuns de todas as idades, não mais vinculados ao ambiente escolar (PAIVA, 2008, p. 36).

Entretanto, é satisfatório tecer ligeiras linhas sobre o que simpaticamente alcunhei de “tataravó da tricicloteca”, projeto ora investigado, pois no final da gestão Maria Alice Barroso, insuflada pelos novos ares da eminente abertura democrática, foram doados 25 veículos Kombi adaptados com estantes, com 1.500 livros cada, às unidades da federação, através de convênios:

O Carro-Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais tem origem nessa política, tendo sido entregue à UFMG, em 1973, um veículo Kombi adaptado com um acervo de 1.500 livros. No caso específico da UFMG, a iniciativa foi um sucesso, pois, sob a responsabilidade da Escola de Biblioteconomia¹⁴, o projeto, já com seu terceiro veículo, completa 35 anos de funcionamento contínuo em 2008, oferecendo, hoje em dia, acesso também à informação em meio digital. Infelizmente, não se pode afirmar o mesmo das demais entidades que receberam os carros-biblioteca. (PAIVA, 2008, p. 37).

Já o terceiro e último dirigente do período militar (1974-1985), o escritor Herberto Sales alçou a sua gestão à frente do INL aos padrões mais elevados deste turvo período da

história política brasileira, pois outorgou à biblioteca pública o papel literário que, em efeito cascata, corroborou também com as políticas voltadas ao livro e à leitura.

Nesse contexto, foi lançado o Programa Nacional do Livro, integrando a biblioteca, o livro e a educação sob o INL, que assumiu, também, o trabalho de promoção do livro didático. Esse Programa tinha dois subprojetos: o do livro didático e do livro literário (PAIVA, 2008, p. 36).

Consoante a Paiva (2008), ressalta ainda que durante a gestão de Sales, que se criou o Programa Nacional de Bibliotecas, sendo o primeiro documento do INL elaborado especificamente sobre o desenvolvimento bibliotecário.

Com a tradição dos escritores que dirigiam o INL, investir em livros e investir em bibliotecas era a mesma coisa, pois as obras seriam distribuídas para aquelas. O corpo técnico do INL precisou esforçar-se para persuadir os dirigentes de que era importante consolidar a política específica de bibliotecas (PAIVA, 2008, p. 39).

Não obstante, Sales foi o responsável pela implementação do Sistema Nacional de Bibliotecas, de acervo marcadamente literário e brasileiro:

Ainda assim, nesse período o INL manteve sua concepção de política do livro como política de bibliotecas. A principal ação do Instituto continuou sendo a promoção da cultura e dos autores brasileiros e a distribuição de obras (PAIVA, 2008, p. 38).

Embora as políticas públicas de leitura integrem a maioria do rol de ações e programas destinados à população, na década de 80, há de se sobressaltar a iniciativa privada que patrocinou a Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil (FNLIJ), com larga distribuição de títulos aos alunos, conferindo-lhes maior acesso ao livro.

Em 1983, criou-se a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) que, por sua vez, em 1984, criou o projeto Salas de Leitura (PNSL), almejando que a leitura estivesse presente em todos lugares, com o propósito explícito de formar leitores. Com o passar dos anos, as ações no INL foram substituídas pelo Pró-Leitura.

Conforme Almeida e Medeiros (2013), maiores avanços obtiveram-se a partir da redemocratização do Estado e do assentamento da Constituição Cidadã, de 1988, a qual trazia em seu primeiro artigo, a integração econômica, política, social e cultural da nação.

A política governamental para as bibliotecas públicas entre 1985 e 1989 teve dois momentos: o primeiro, na gestão do escritor Fábio Lucas, que manteve a política do livro como política para bibliotecas públicas. Ainda assim,

houve uma modificação perceptível na concepção das bibliotecas públicas como centros de convivência cultural dos municípios, saindo do modelo de biblioteca igual à sala com livros (PAIVA, 2008, p. 37).

Nos anos 90, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, foi criado com o intuito de promover ações de valorização social da leitura. Embora pareça recente reprise de muito mal gosto, o Ministério da Cultura foi rebaixado à Secretaria no governo Collor. Com a eleição do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o Ministério da Cultura foi ressuscitado e, com ele, algumas políticas educacionais, culturais e de leitura:

No primeiro governo FHC, os Programas “Uma biblioteca em cada município”, de 1996, e “Livro Aberto”, retomam uma meta que projetos do INL e também o SNBP já haviam idealizado, ou seja, prover cada município brasileiro com uma biblioteca pública (PAIVA, 2008, p.37).

Em 2001, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), por intermédio do Ministério da Educação, passou a distribuir livros de diferentes gêneros aos alunos da escola pública, por meio do projeto Literatura em Minha Casa, visando ampliar a dotação de acervos nas bibliotecas escolares existentes e a criação nas unidades que não as possuíam.

Os Ministérios da Educação e Cultura, sob o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, criaram o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), finalmente como política de estado permanente, voltada para este importante setor da formação social e humana. De acordo com o próprio Plano:

Quatro eixos orientam a organização do plano: democratização do acesso; Fomento à leitura e à formação de mediadores; Valorização institucional da leitura e do incremento de um valor simbólico; Desenvolvimento da economia do livro. (BRASIL, PNLL, 2010, p. 21).

Em 2010, de abrangência restrita ao Estado de São Paulo, dicotomicamente reconhecido como a locomotiva econômica da nação e a carroça educacional do país, - vide os indicadores econômicos e educacionais, respectivamente - o programa Apoio ao Saber, distribuiu, gratuitamente, a alunos do ciclo II do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, quase 13 milhões de exemplares, por meio de kits contendo três livros: um do gênero poesia, um de teatro e uma narrativa.

O objetivo do programa – o qual foi desativado em 2014 – primava, heroicamente, pelo enriquecimento cultural dos estudantes e seus familiares, por meio do acesso fomentado

e da leitura de clássicos literários de qualidade, promovendo, inequivocamente, a valorização da leitura e a circulação do livro impresso.

Ainda no âmbito estadual paulista, de acordo com as próprias informações da Secretaria de Estado da Educação, o projeto Sala de Leitura se faz presente em parte das escolas estaduais, visando ao fomento do gosto pelos livros entre os alunos da rede, disponibilizando aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, títulos de jornais, revistas e livros. Com o apoio de um professor, os alunos desenvolvem significativas práticas de leitura e acesso ao mundo literário. Contudo, das 5,4 mil escolas paulistas, apenas 3,1 mil contam com salas de leitura, alcançando 604 municípios e atingindo a 2,3 milhões de estudantes (SEE, 2019).

A fim de não aprofundar nesta temática, a recessão, as graves crises econômicas e política vividas nos últimos anos no Brasil, encerraram um ciclo de importantes investimentos em políticas públicas, inclusive, de leitura e disseminação do livro impresso, sobretudo, após o polêmico impeachment da primeira mulher a assumir a presidência do Brasil.

Ato contínuo, por meio da PEC 241, seus sucessores lançaram um pacote de controle de principais gastos governamentais, com o congelamento de investimentos em saúde, educação e cultura por 20 anos, sem, no entanto, estancar os privilégios e aumentos do alto funcionalismo federal.

Em pleno Século XXI, uma onda de conservadorismo que se espalhou pelo mundo também atingiu o Brasil e o novo governo eleito em 2018, em 2019, extinguiu o Ministério da Cultura, rebaixando-o novamente a secretaria e, com ele, certamente, vistosos projetos de incentivo ao livro e à leitura. Claro fica, portanto, que as políticas públicas, inclusive de leitura, mudam de acordo com as ideologias do governo empossado. Políticas de Estado seriam formas eficientes de blindar a população da supressão dessas conquistas ao bel prazer dos novos eleitos, garantindo assim, a continuidade de tais políticas e programas.

Desse modo, evidencia-se que as políticas públicas de leitura no Brasil, embora sempre consideradas importantes pelos diferentes governos até então, nunca adquiriram um caráter perene, alternando implantações, interrupções e desativações constantes, com pouco ou nenhum planejamento a médio e longo prazos, fazendo que a população, sobretudo, a mais carente, não consiga usufruir constantemente os benefícios desses programas e projetos.

Ao se pensar em política pública de leitura, inequivocamente, deve-se, também, atrelar o viés libertário que ela pode provocar no cidadão, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico do incauto indivíduo que não lê. Ao dar-lhe acesso à leitura e lhe ampliar a visão de mundo e suas representações, o governante corre o risco de cair nas malhas da

verdade, desvendada pelas entrelinhas dos textos. Essa é, sem dúvida alguma, uma faceta que políticos profissionais e extremamente apegados ao poder abominam.

Mantendo seu eleitor inculto, com pouco ou nenhum acesso à educação e à cultura, com módico capital cultural, impede-se que esse mesmo eleitorado, por meio da aquisição de conhecimento e cultura letrada, migre para candidatos e ideologias políticas voltadas ao benefício da sociedade e melhor preparadas para atender às demandas coletivas e não clientelistas, como nos mostra a famigerada história política da república brasileira.

Embora não seja um retrato detalhado sobre as políticas públicas de leitura, é possível, nesta seção, inferir que cada governo é diretamente responsável por ações ou inações de incentivo. Pode, inclusive, haver repressão à leitura, de acordo com a visão de seus gestores, nem sempre condizentes com a visão de escritores, educadores e amantes das letras que a leitura deve compor sempre a agenda de políticas públicas nas três esferas de governo, num país que precisa urgentemente alçar patamares mais altos de civilização e cidadania.

2.1 Gavião Peixoto: uma Inovadora Política Pública de Incentivo à Leitura

A origem de Gavião Peixoto nos remete ao início do século, quando o então governador do Estado implantou uma política de interiorização habitacional e foi criado o projeto de Nova Europa, Nova Paulicéia e Gavião Peixoto, como núcleos coloniais.

Sua história inicia-se, na verdade, em 12 de janeiro de 1907, por meio da promulgação do Decreto nº. 1.432, na sua criação como núcleo de colonização em plena efervescência da expansão cafeeira paulista, por ato do presidente (equivalente, hoje, a governador) do Estado de São Paulo, Dr. Jorge Tibiriçá Piratininga. (BASTOS, 2007, p. 2).



Imagem 1 - Foto Aérea do Centro de Gavião Peixoto - 1930
Fonte: Acervo SECULT (2013).

As terras pertenciam à Sesmaria de Cambuhy, cujo proprietário era o Conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto. Este vendeu uma parte e doou outra, com vistas à instalação dos núcleos coloniais pleiteados pelo Estado. Em sua homenagem, o núcleo formado às margens do Rio Jacaré-Guaçu, recebeu seu nome e imigrantes europeus como mão de obra principal.

Com a nova configuração produtiva estabelecida, decorrente da ruptura do modelo da mão-de-obra escrava no final do século XIX, havia a necessidade, além de efetivar o conceito da utilização do trabalhador livre introduzido na realidade brasileira, de: atrair imigrantes europeus para a província de São Paulo (alinhada a uma política demográfica de aumento da oferta de mão-de-obra para a economia em geral); promover a diversificação produtiva (para além da monocultura cafeeira); e incentivar a ocupação territorial – tendo o imigrante europeu, consigo mesmo, o grande ideal de tornar-se proprietário de terras. (FERRARI, 1976, p 79).

Como forma de incentivar o desenvolvimento da região, implantou-se a ferrovia - Estrada de Ferro Douradense -, útil para o escoamento da produção e para o transporte de pessoas e cargas. A usina hidrelétrica, construída pela Companhia de Força e Luz de Jaú, propagou a advento da energia elétrica na região e, com ela, novos interesses econômicos trouxeram novos habitantes para Gavião Peixoto. A ferrovia foi desativada em 1969 e a usina hidrelétrica foi modernizada e hoje pertence a CPFL.

No caso específico do Município de Gavião Peixoto, apesar de emancipar-se de Araraquara apenas em 1995 – e sua implantação efetiva como município em 1997 – é oportuno salientar que sua existência, como localidade oficialmente criada, se deu há mais de um século. (BASTOS, 2007, p.2).

Conforme Araújo (1998), em 31 de outubro de 1912, através do Decreto Lei Estadual nº 1328, o povoado foi elevado à categoria de Distrito, com a denominação de Nova Paulicéia, como sede no núcleo colonial, no município de Araraquara. Por força da Lei nº 1993, de 05 de dezembro de 1924, transferiu-se a sede do Distrito para o povoado de Gavião Peixoto, assumindo o Distrito essa denominação, o qual somente se emancipou política e administrativamente em meados dos anos 90:

Em 27 de dezembro de 1995, através do Decreto Lei estadual nº 9330, o Distrito é elevado à categoria de Município, com a denominação de Gavião Peixoto, desmembrado do município de Araraquara. Sua instalação verificou-se em 01 de janeiro de 1997 (ARAUJO, 1998, p. 32)

No entanto, sempre dependente da agricultura, a citricultura chegou a responder por 53% da economia e a cana-de-açúcar, por mais 38%. No caso da laranja quatro empresas dominaram o setor: Fischer, Cutrale, Marchesan e Maruyama. A cana era liderada pelas Usinas Santa Fé e a extinta Zanin. O declínio da agricultura local acentuou-se nos anos 90, prevalecendo a monocultura da cana-de-açúcar e, em 2000, após a chegada da Embraer ao jovem município, uma nova guinada econômica e maior rentabilidade fiscal, conferiram novas expectativas à cidade e aos seus cidadãos, cujo gentílico é gavionense.

Após três governos, a quarta administração, em 2009, efetuou uma reforma administrativa controversa, a qual criou, dispendiosamente, 10 secretarias no executivo de um município que ainda não apresentou sustentabilidade orçamentária. Entre as novas secretarias de governo, figurou a Secretaria Municipal de Cultura, que permaneceu subproveitada, dedicando suas ações, programas e políticas aos grandes eventos festivos e turismo.



Imagem 2 - Sede da Secretaria Municipal de Cultura
Fonte: Acervo SECULT (2015)

Em 2013, assume o Executivo Municipal um jovem professor, alheio à vertente política tradicional, quebrando a hegemonia do poder local, que se alternavam entre dois candidatos. Essa mudança democrática possibilitou o enxugamento da máquina administrativa, o correto emprego do erário municipal, a ampliação e otimização dos serviços públicos prestados à população gavionense e, entre eles, o acesso aos bens e produtos culturais, por meio da SECULT.

De 2013 a 2016, a Secretaria de Cultura de Cultura que, até então, atuava limitada e estritamente nas festividades populares locais, implantou um robusto e diversificado pacote com 12 projetos artístico-culturais. Antes da efetivação dos projetos toda a sede da Secretaria Municipal de Cultura foi reformada, recuperada, adequada e devidamente equipada.

As mesmas providências foram tomadas em relação à Biblioteca Municipal, a qual se encontrava desativada. Houve a reforma, ampliação, equipagem, informatização e reativação da biblioteca municipal. Por fim, a Secretaria de Cultural inovou com a proposta de facilitar e democratizar ainda mais o acesso dos munícipes ao livro, sem a necessidade destes se deslocarem até a Biblioteca, caso fosse este o impedimento para práticas de leitura.

Entre essas novas propostas do município, figuravam também programas de incentivo à produção literária, artística e cultural. É justamente, um desses projetos, o de incentivo à leitura, que terá seus participantes investigados na comunidade local, mais adiante: a Tricloteca. A justificativa para a implantação dessa proposta é muito simples. Mesmo com

uma biblioteca moderna, aconchegante e repleta de novos e bons títulos, a vida e o dinamismo dela consistem na visita constante de seus leitores. Embora a cidade seja pequena, a localização da biblioteca não é privilegiada geograficamente, prevaleceu como motivação, portanto, o adágio popular: se Maomé não vai à montanha, a montanha vai até Maomé!

Com logomarca e amplo trabalho de divulgação, o projeto contou também com um *jingle* musical personalizado, o qual era tocado enquanto o triciclo circulava, alertando aos moradores e leitores a passagem do agente de leitura.

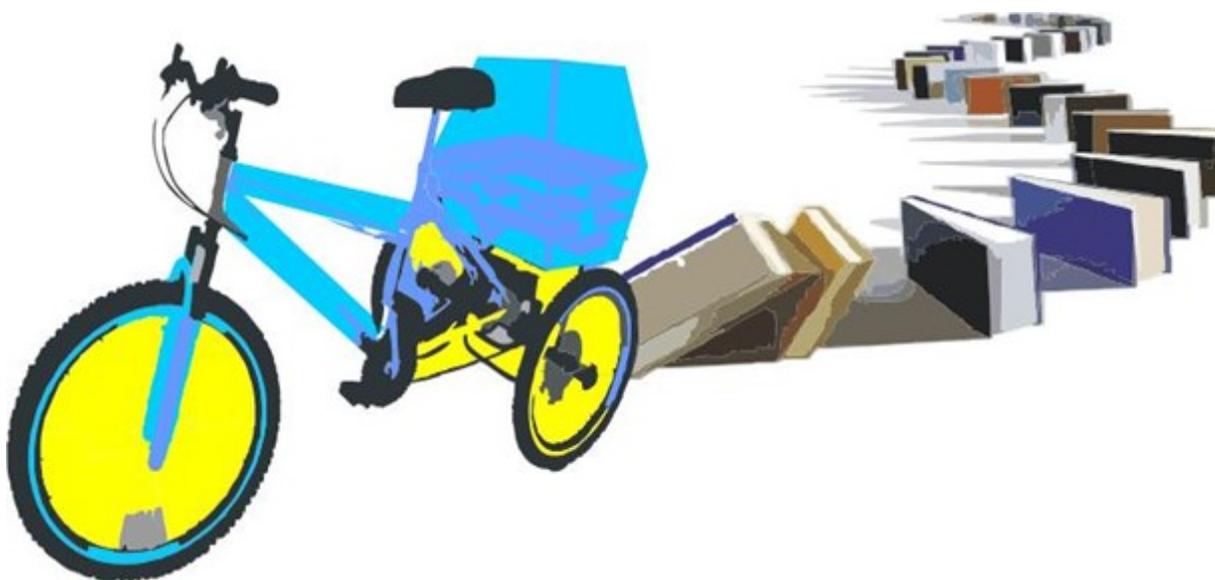


Figura 3 - Logomarca do Projeto Triciclooteca
Fonte: Acervo SECULT (2013)

Além de logomarca (figura 5) e *jingle* musical o Projeto Triciclooteca também conta com um slogan, explorado em seus materiais impressos, nas redes sociais, nos livros identificados com adesivos do projeto e também no refrão do *jingle*. Com o slogan “levando o livro para mais perto de você!”, o projeto se apresentou como viável política pública municipal de incentivo à leitura. Eis a transcrição da letra do *jingle*, abaixo:

Em Gavião mundo vai saber	Triciclooteca, Triciclooteca
Em gavião todo mundo vai querer	Levando o livro para mais perto de você
Em Gavião todo mundo é conhecer	Triciclooteca, Triciclooteca
Em gavião todo mundo pode ler	Trazendo o livro para mais perto de você

compra público na aquisição permanente de títulos para à Biblioteca Municipal, incrementando regularmente o acervo, dobrando o número de obras disponíveis aos leitores em 5 anos.

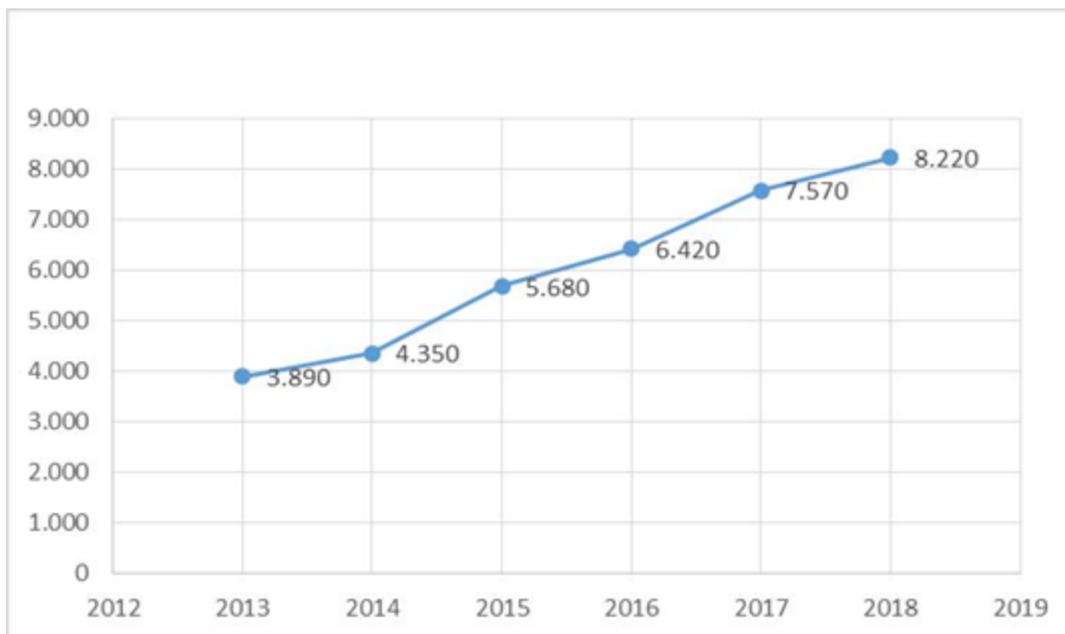


Gráfico 1 - Evolução do Acervo da Biblioteca Municipal

Fonte: Compilação do Autor (2019)

A ideia de circulação itinerante dos títulos apresentou-se atrativa e de baixo impacto financeiro para uma Secretaria que ainda sequer dispunha de orçamento próprio, o que só reforça o equívoco no propósito e na forma como foi criada. Porém, como ponto positivo tinha-se gigante e variado acervo de livros disponibilizados a uma população com pouco mais de 5 mil habitantes e com baixíssimos índices de desenvolvimento humano.

Como as módicas retiradas e movimentação da recém-ativado Centro Cultural e Biblioteca Municipal “Prof. Eulália Rosália de Arruda Cury”, popularmente conhecido como Espaço do Saber, a proposta apresentou-se inovadora, desburocratizada e de grande potencial de aceitação entre a população, ou seja, um projeto bom e barato.

Em vez de esperar pelos seus leitores (antigos ou novos) a biblioteca decidiu ir até eles, de forma ostensiva e contínua, oferecendo os mais variados títulos de seu acervo à população, fora de suas dependências.

Para isso, uma bicicleta munida com um baú, contendo nele 100 títulos, conduzida por um preparado agente de leitura, circularia, semanalmente, pelos bairros e ruas da cidade, emprestando e recolhendo livros junto à população, porta a porta, casa a casa, comércio a comércio. A figura 07, a seguir, ilustra personificação da ideia.



Imagem 3 - Agente de Leitura com a Tricicloteca pelas Ruas.
Fonte: Acervo SECULT (2014)

Na administração pública brasileira, rotineiramente, os custos são determinantes para a viabilização de políticas públicas em todos seus setores. Todavia, rotineiramente, bem mais do que os valores baixos, muitas das vezes, os valores adicionados como forma de vantagens indevidas é que determinam ou não a implantação de algum programa governamental. A corrupção institucionalizada é, desde os primórdios e ainda continua sendo, o maior inimigo da população e da boas práticas de governança.

Como agravante a Educação e a Cultura em nosso país ainda são vistos como gastos e não como valorosos e transformadores investimentos. Sob esta ótica, nas três esferas públicas (União, Estado e Município) quanto menor o gasto do projeto, maior a chance de ser sair dos papéis e ser colocado em prática. Com o projeto analisado não foi diferente. O baixo custeio foi um diferencial importante na hora do poder público optar por colocá-lo em prática.

No Brasil, os governos, grosso modo, contabilizam basicamente duas variáveis no momento de colocar em práticas suas ações e programas governamentais: a primeira é o capital eleitoral a advir daquela demanda e a segunda é quanto vai custar colocar a medida em prática. Nem é preciso muito esforço intelectual para reconhecer que o retorno político é sempre o fio condutor da decisão pela implementação de uma política pública.

Caso um programa tenha enorme potencial de cair nas graças de sua população-alvo, mesmo que custe fortunas, tem grandes chances de ser implementado pelas prefeituras e governos estaduais pelo Brasil afora. A seguir, os custos estimados para projeto, em 2013:

Tabela 1 - Custo Estimado do Projeto – 2013

QTDE	UNIDADE	DESCRIÇÃO	UNIT (Rs)	TOTAL (Rs)
1	Unidade	Tricicleta adaptada	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
30	Exemplares	Livros novos (Best-Seller)	R\$ 50,00	R\$ 1.500,00
1	Unidade	Baú plástico 130 litros	R\$ 150,00	R\$ 150,00
12	Ajuda de custo	Agente de leitura (Tricicloterário)	R\$ 500,00	R\$ 6.000,00
1	Trilha	Jingle musical	R\$ 800,00	R\$ 800,00
1	Unidade	Caixa de som portátil	R\$ 150,00	R\$ 150,00
1	Kit	Adesivos identificação	R\$ 50,00	R\$ 50,00
2	Peças	Camiseta e Boné	R\$ 150,00	R\$ 150,00
3	Revisão	Manutenção da Tricicleta	R\$ 200,00	R\$ 200,00
CUSTO TOTAL DO PROJETO – ADMINISTRAÇÃO DIRETA				R\$ 10.000,00

Fonte: Acervo SECULT (2013)

Com a rápida aprovação do executivo, colocado em prática, o projeto, ganhou notoriedade recebendo coberturas midiáticas regionais e nacionais, participando ainda do 7º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas, do SISEB, em São Paulo, em 2014. Duas vídeo reportagens sobre o projeto estão disponíveis nos *links*: EPTV Central (<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2013/05/triciclo-percorre-bairros-de-gaviao-peixoto-para-levar-livros-populacao.html>) e Record News (<https://www.youtube.com/watch?v=xdp-Spfokac>).



Imagem 4 - Repórter em Entrevista à Leitora e Agent
Fonte: Acervo Secult (2013)

Em pouco tempo a comunidade aderiu ao projeto e os livros saíram das estantes da biblioteca municipal e, por meio da Triciclooteca, passaram a chegar às residências das crianças, jovens, adultos e idosos. As retiradas na biblioteca aumentaram e os atrasos nas devoluções caíram drasticamente, já que o agente de leitura, também fazia o recolhimento dos livros.



Imagem 5 - Criança Faz Empréstimos de Livros à Triciclooteca
Fonte: Acervo SECULT (2015)

Uma vez implantado e funcionando o projeto, como política pública numa pequena cidade interiorana, quais os impactos causados nessa comunidade? Como se estabeleceram essas relações entre leitores e objetos lidos? A leitura incentivada ou facilitada efetivamente contribuiu com a formação de novos leitores? O projeto como política pública de fomento à leitura é um modelo viável de se reproduzir em outras realidades? O que apontam os indicadores do projeto sobre suas viabilidades e limitações?

São muitas questões suscitadas, que, como essas, por conta desta experiência, podem oferecer por meio de uma pesquisa científica respostas que possam inspirar ações no sentido de se criar, estender e perenizar os programas de incentivo à leitura, em especial, no setor público brasileiro. Para tanto, há de se embasar científica e metodologicamente esta empreita, como se verá adiante.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção será dedicada à Metodologia de Pesquisa, na qual está assentada a presente pesquisa, bem como, suas dimensões, abrangência, desenvolvimento e aplicabilidade, antes de partir para a análise dos dados propriamente dita.

Ferreira (2001) assinala que, a partir da década de 1990, diários, cartas, autobiografias, depoimentos pessoais passam a ganhar, cada vez mais, destaques nas pesquisas em educação e ensino, transformando-se numa rica ferramenta, a qual exerce funções distintas em programas de investigação também diferenciados.

Na presente pesquisa, também se investigará os depoimentos de seus narradores, que no caso, são leitores participantes de um projeto de incentivo à leitura, fornecendo assim, fragmentos de suas práticas leitoras e experiências pessoais com os livros oferecidos pela Tricloteca. O excerto abaixo, endossa essa assertiva:

São pesquisas que resgatam fragmentos de vivências e histórias de vidas que seus narradores consideram significativas de um determinado tempo e lugar (FERREIRA, 2001, p. 79).

Para Oliveira (2008), a abordagem etnográfica viabiliza a combinação de técnicas como: a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros.

Seguindo os subsídios teóricos dentro de uma vertente qualitativa na pesquisa em educação, apresentam-se dois tipos recomendados: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Ambos “vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola” (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 13).

Em relação ao estudo de caso, segundo Lüdke e André (2014, p. 17), esse modelo deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. As autoras ainda admoestam que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos pelo desenvolver do estudo”.

Diante do exposto, a escolha de uma metodologia qualitativa por estudo de caso foi eleita para nortear os presentes estudos, por apresentar características fundamentais que são destacadas pelas supramencionadas autoras:

1 – Os estudos de caso visam à descoberta; 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’; 3 – Os estudos de caso

buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação; 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa. (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 18-20).

Neste tipo de pesquisa busca-se retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. O pesquisador usa uma variedade de fontes para coleta de dados que são colhidos em diferentes momentos da pesquisa e em situações diversas, com diferentes tipos de sujeito. Não obstante, os estudos de casos apresentam ainda três fases em seu desenvolvimento, respectivamente: a fase exploratória; a delimitação do estudo e a coleta de dados e a análise sistemática desses dados.

Deve-se observar, ainda de acordo com Lüdke e André (2014) um ponto crucial tange ao fato de se evitar à escolha do caso e à generalização dos resultados, buscando objetos de estudo diferenciados e que se enquadrem fora das generalizações, tendo assim maior relevância, já que os casos são tratados particularmente.

Acresça-se ainda, em consonância à Moreira (2002, p. 52), que a observação participante é a mais adequada no presente estudo, pois trata-se de “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

Já Lüdke e André (2014) explanam sobre o caráter científico da técnica de observação - considerando que as observações de cada um são muito pessoais – estas por sua vez são influenciadas por vários fatores, como: história de vida, bagagem cultural, grupo social a que pertence, aptidões e predileções. Tais fatores influenciam, inequivocamente, o olhar observador, no sentido de privilegiar certos aspectos em detrimentos de outros.

O presente trabalho se apoia em revisão bibliográfica e na pesquisa qualitativa em Educação, pela abordagem da História Cultural, investigando as práticas sociais de leitura dos moradores, com duração de 6 meses, por meio de entrevista semiestruturada realizada com 2 leitores (7 a 12 anos de idade), 2 leitores (13 a 18 anos de idade), 2 leitores (19 a 49 anos de idade) e 2 leitores acima de 51 anos.

Ainda, foi realizada entrevista com dois agentes de leitura, que integram o projeto. O Gráfico 2 aponta a abrangência etária do projeto, pois atende desde crianças, jovens, adultos e idosos, não se configurando a idade como empecilho para o desenvolvimento da leitura. O perfil etário médio do público atendido é de 28,5 anos.

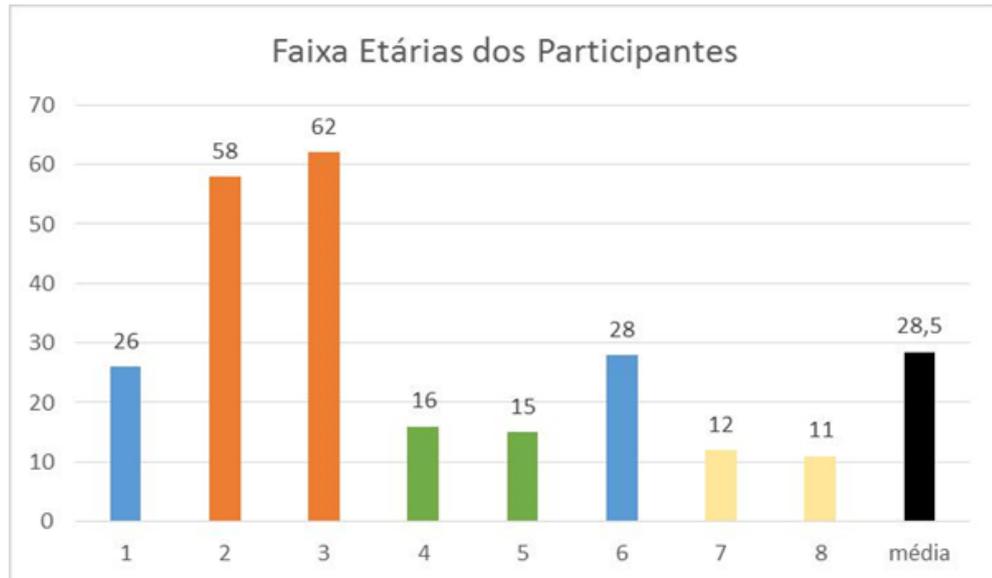


Gráfico 2 - Faixa Etária dos participantes

Fonte: Compilação do Autor (2019)

A ocupação dos leitores também foi registrada, a fim de tecer, modicamente, o panorama socioeconômico do público atendido pelo projeto, podendo, nas análises posteriores, cruzar esses dados e informações, em busca de padrões que melhor expliquem as práticas de determinado grupo social ao qual o leitor pertence. A figura 11 revela que 50% dos entrevistados são estudantes e os outros 50% se subdividem em outras ocupações profissionais.



Gráfico 3 - Ocupação dos Leitores

Fonte: Compilação do Autor (2019)

A figura 12 reforça uma realidade brasileira: as pequenas cidades apresentam baixos índices de acesso à universidade, concentrando a escolarização de seus moradores nos níveis

fundamentais e médio da Educação Básica. Gavião Peixoto está em 982º lugar na taxa de escolarização de 6 a 14 anos (98,7), segundo o IBGE (2017).

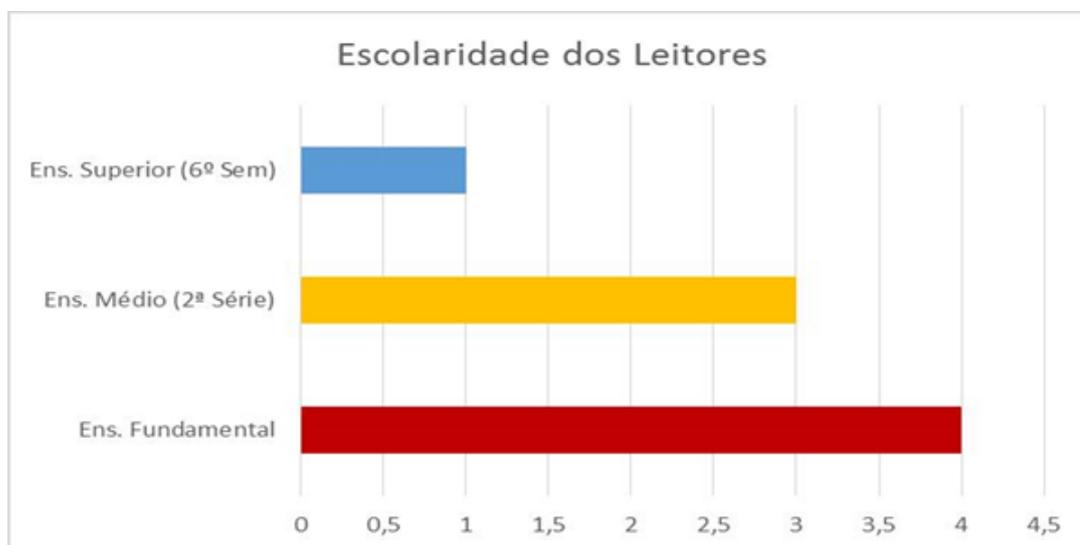


Gráfico 4 - Escolaridade dos Leitores

Fonte: Compilação do Autor (2019)

A escolaridade dos leitores (Quadro 1) também é um fator importante a ser considerado, já que aponta o nível de escolarização dos leitores participantes da pesquisa. Ressalta-se que, para assegurar o sigilo dos entrevistados (leitores e agentes), seus nomes verdadeiros foram substituídos por pseudônimos, conforme os quadros expostos:

Quadro 1 - Leitores entrevistados

Ordem	Nome*	Idade	Ocupação	Escolaridade	Bairro
Leitor 1	Tatiane	26 anos	Manicure	Ensino Médio	Centro
Leitor 2	Jacira	58 anos	Do Lar	Ens. Fundamental	Centro
Leitor 3	Marlene	62 anos	Merendeira	Ens. Fundamental	Jd. Brasil
Leitor 4	Karen	16 anos	Estudante	Ens. Médio (2ª Série)	Jd. Brasil
Leitor 5	Mônica	15 anos	Estudante	Ens. Médio (1ª Série)	Jd. Pássaros
Leitor 6	Raquel	28 anos	Universitária	Ens. Superior (6º Sem)	Pq. Nações
Leitor 7	Paulo	12 anos	Estudante	Ens. Fundamental (6º Ano)	Jd. Flores
Leitor 8	Henrique	11 anos	Estudante	Ens. Fundamental (5º Ano)	CDHU

Fonte: Compilação do autor (2019)

Quadro 2 - Agentes entrevistados

Ordem	Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Bairro
Agente 1	Patrícia	23 anos	Do Lar	Ensino Médio	Centro
Agente 2	Darlei	20 anos	Estudante	Ens. Técnico (2º Sem)	Jd. Brasil

Fonte: Compilação do autor (2019)

É salutar ressaltar que esta pesquisa ofereceu riscos mínimos aos participantes, pois procedeu a uma coleta de dados cautelosa e sigilosa, minimizando e evitando, dessa forma, possíveis situações de constrangimento ou desconforto para os entrevistados. Coube, portanto, ao pesquisador, prestar os esclarecimentos e orientações necessários, contribuindo assim, para o bem-estar dos participantes, podendo o participante declinar de sua participação na pesquisa a qualquer momento ou prejuízo ao mesmo.

Com base em estudos sobre leitura e suas práticas sociais, as reflexões sobre esta temática é significativamente benéfica à sociedade, à comunidade acadêmica, aos demais interessados no assunto, bem como aos próprios participantes. No tocante à sociedade, à academia, aos agentes públicos e interessados, contribuições nos estudos acadêmicos e científicos na seara de leitura e suas práticas sociais, enriquecem o panorama brasileiro de debates e projetos bem-sucedidos.

Quanto aos participantes deste estudo, os entrevistados puderam refletir sobre suas práticas de leitura, vivenciadas em diferentes espaços sociais, bem sobre suas relações com o livro impresso.

Quanto aos benefícios, de forma geral, entender como as políticas públicas fomentam as práticas sociais de leitura num país carente de novos leitores seria o maior deles, possibilitando a reprodução de ações desta natureza, bem como, dimensionando os impactos proporcionados pela leitura na vida do cidadão comum.

Ao término desta pesquisa, prevê-se a devolutiva sobre os conhecimentos ora produzidos aos sujeitos participantes do estudo, cujos nomes verdadeiros foram substituídos pela expressão leitor e um número de identificação. A presente pesquisa e seus resultados poderão também ser publicados em outros ambientes acadêmicos e de produção científica como revistas, congressos, seminários e demais eventos relacionados à leitura.

Ressalta-se que a presente pesquisa tem a devida autorização do Comitê de Ética da Instituição (conforme cópia em anexo, emitida em 24 de janeiro de 2018, sob número - 2.472.866).

3.1 Leitores: Roteiro

Por meio de roteiro semiestruturado, contendo 10 questões especificamente preparadas e direcionadas ao público investigado, também foram sabatinados dois agentes de leituras responsáveis pela circulação dos livros na comunidade, registrando suas impressões e contribuições. As entrevistas aconteceram nas residências dos participantes, em dias, horários e dependências definidos por ele. O preâmbulo dessas conversas era no sentido de informar ao entrevistado os objetivos da pesquisa e deixá-los o mais à vontade possível.

No início, os leitores se mostravam apreensivos e, no decorrer do diálogo, adquiriam confiança e se acostumavam à gravação dos depoimentos. As conversas sempre foram amistosas, com boa acolhida do entrevistador. Abaixo as questões a eles direcionadas:

Quadro 3 - Roteiro de entrevista

Questão 1	Como ficou sabendo do projeto?
Questão 2	Desde quando participa do projeto?
Questão 3	Quais as motivações que levaram a aderir ao projeto?
Questão 4	Quais os títulos ou gêneros preferidos e como escolhe os livros na Tricicloteca?
Questão 5	Com que frequência retira os livros para a leitura?
Questão 6	Como você realiza as leituras desses livros. Comente o processo ou ritual.
Questão 7	Onde e com quem vocês faz as leituras? Explique o motivo dessas escolhas?
Questão 8	Quais os benefícios diretos do projeto Tricicloteca? Houve mudanças após a sua adesão ao projeto? Se sim, quais? Explique-as.
Questão 9	O que você acha desta iniciativa pública? Recomendou o projeto a parentes e amigos?
Questão 10	Qual nota de 0 a 10 você daria ao serviço prestado?

Fonte: Compilação do autor (2019)

3.2 Agentes: Roteiro

Quanto aos agentes, aplicaram-se sete questões, por meio da coleta centrada na entrevista semiestruturada com os leitores. Abaixo as questões formuladas aos agentes.

Quadro 4 - Questionário dos Agentes de Leitura

Quadro 6 – Questionário dos Agentes de Leitura

Fonte: Compilação do autor (2019)

Questão 1	Como as pessoas dizem que ficaram sabendo do projeto?
Questão 2	Quais as motivações que levaram a participar do projeto?
Questão 3	Quais são os seus títulos ou gêneros com maior saída na Tricicloteca?
Questão 4	Como as pessoas abordam e recebem o agente de leitura quando estão passando pelas ruas?
Questão 5	Você interfere ou auxilia nas escolhas dos livros?
Questão 6	Você tem notado mudanças nas pessoas participantes no projeto? Quais? Explique-as.
Questão 7	Como você enxerga o papel da leitura na vida das pessoas?

Fonte: Compilação do autor (2019)

4 PEDALANDO COM A TRICICLOTECA: As Vozes dos Participantes

Nesta seção, apresentamos os dados coletados nesta pesquisa, por meio de análises das respostas obtidas pelos leitores e agentes de leitura, intensificadas no decorrer desta seção, em busca de resultados que atendam ao escopo do presente estudo.

Por questões metodológicas, dividiram-se as 10 questões em 04 eixos temáticos. Com a presente sistematização foi possível extrair informações e impressões desejadas, tanto dos leitores, quanto dos agentes de leitura, procedendo ao cruzamento desses dados a posteriori, tecendo análises baseados nas vozes dos participantes leitores e agentes do projeto, contemplando assim, os objetivos almejados com a pesquisa.

Quadro 5 - Eixos Temáticos e Quest

EIXO 1	EIXO 2	EIXO 3	EIXO 4
Acesso e Interesse pelo Projeto	Tipos e Frequência de Leitura	Modos e Espaços de Leitura	Apreciação do Projeto
<p>Questão 1 - Como ficou sabendo do projeto?</p> <p>Questão 2 - Desde quando participa do projeto?</p> <p>Questão 3 - Quais as motivações que levaram a aderir ao projeto?</p> <p>Questão 4 - Quais os títulos ou gêneros preferidos e como escolhe os livros na Triciclooteca?</p>	<p>Questão 5 - Com que frequência retira os livros para a leitura?</p> <p>Questão 6 - Como você realiza as leituras desses livros. Comente o processo ou ritual.</p>	<p>Questão 7 - Onde e com quem você faz as leituras? Explique o motivo dessas escolhas?</p> <p>Questão 8 - Quais os benefícios diretos do projeto Triciclooteca? Houve mudanças após a sua adesão ao projeto? Se sim, quais? Explique-as.</p>	<p>Questão 9- O que você acha desta iniciativa pública? Recomendou o projeto a parentes e amigos?</p> <p>Questão 10 - Qual nota de 0 a 10 você daria ao serviço prestado?</p>

Fonte: Compilação do autor (2019)

Quadro 6 - Eixo Temático e Questões - Agentes

EIXO 1	EIXO 2	EIXO 3
Acesso e Interesse Pelo Projeto	Mediação de Leitura	Apreciação do Projeto
<p>Questão 1 - Como as pessoas dizem que ficaram sabendo do projeto?</p> <p>Questão 2 - Quais as motivações que levaram a participar do projeto?</p> <p>Questão 3 - Quais são os seus títulos ou gêneros com maior saída na Triciclooteca?</p>	<p>Questão 4 - Como as pessoas abordam e recebem o agente de leitura quando estão passando pelas ruas?</p> <p>Questão 5 - Você interfere ou auxilia nas escolhas dos livros?</p>	<p>Questão 6 - Você tem notado mudanças nas pessoas participantes no projeto? Quais? Explique-as.</p> <p>Questão 7 - Como você enxerga o papel da leitura na vida das pessoas?</p>

Fonte: Compilação do Autor (2019)

4.1 As Vozes dos Leitores

Apresentamos considerações acerca das vozes dos leitores com base na entrevista semiestruturada, preservando a transcrição original das falas, como preconiza a linguística moderna, a qual reconhece as diferentes variantes oriundas da realidade sociocultural econômica de seus falantes.

4.1.1 Eixo Temático 1 – Acesso e Interesse ao Projeto

Em se tratando do Eixo Temático 1, intitulado Acesso e Interesse pelo Projeto, obtivemos as informações que se seguem. Ao perguntarmos aos leitores sobre como ficaram sabendo do projeto (Questão 1), obtivemos as seguintes respostas:

“Eu ouvi um anúncio e vi nas redes sociais que ia passar a Tricicloteca e me interessei” (Leitor 1).

“Eu ouvi a musiquinha falando de livros, sai e vi a bicicleta e pedi para parar. Me cadastrei e peguei livros pra mim e para as crianças” (Leitor 2).

“Ouvi a moça conversando com outras funcionárias e fui ver o que era. Vi que era uma boa oportunidade de ler” (Leitor 3).

“Eu vi a bicicleta passar na rua, tocando uma música e com um baú cheio de livros. Aquilo me chamou a atenção” (Leitor 4).

“Minha vó começou a pegar os livros na bicicleta, então eu acompanhei ela” (Leitor 5).

“Vi a moça do comércio em gente pegando uns livros e resolvi pegar uns também para ler aqui no trabalho e em casa, para as crianças” (Leitor 6).

“Li uma postagem no *facebook* que a Tricicloteca ia começar a percorrer as ruas da cidade em determinado dia e horário. Fiquei esperando e comecei a participar do projeto (Leitor 7).

“Um carro de som passou na rua avisando que a biblioteca ia emprestar livros. Quando a bicicleta passou, eu emprestei” (Leitor 8).

Quando questionamos aos leitores sobre desde quando participavam do projeto (Questão 2), obtivemos as seguintes informações:

“Um ano e três meses, aproximadamente” (Leitor 1).

“Mais de um ano” (Leitor 2).

“Tem mais de dois anos, pois conheci dois agentes de leitura. Antes era uma moça e depois um rapaz” (Leitor 3).

“Desde que a bicicleta passou a primeira vez, até agora” (Leitor 4).

“Quando minha vó pegou, na outra semana eu peguei e ainda pego” (Leitor 5).

“Comecei a emprestar os livros alguns meses depois que o projeto começou. Agora pego de vez em quando, pois leio muita coisa da faculdade” (Leitor 6).

“Desde o comecinho. Ainda continuo pegando” (Leitor 7).

“Desde que eu vi a primeira vez. Faz tempo já” (Leitor 8).

Os participantes deste estudo também destacaram as motivações que os levaram a aderir ao projeto (Questão 3), assim, observaram:

“A praticidade e comodidade, sem dúvida. Não ir à biblioteca ajuda muito quem tem a vida corrida e gosta de ler” (Leitor 1).

“Eu sempre gostei de ler, mas nunca fui à biblioteca. Quando vi os livros na porta de casa, não pensei duas vezes”. (Leitor 2)

“Primeiro foi a necessidade de ler mesmo. Não tinha esse costume. Depois do primeiro livro, não parei mais, pois tem sempre novos livros para escolhermos”. (Leitor 3)

“Gostava muito de ler, mas não lia muito bem. Pegava também para me ajudar a desenvolver mais na leitura”. (Leitor 4)

“Vi minha vó pegando, também quis pegar. No começo nem lia direito. Hoje eu já leio direitinho”. (Leitor 5)

“No começo foi curiosidade e vontade de incentivar meus filhos. Depois virou costume mesmo”. (Leitor 6)

“Gosto de ler. Tendo a possibilidade de pegar na porta de casa, não pensei duas vezes”. (Leitor 7)

“Eu ia no Espaço do Saber (Biblioteca) e lá me falaram se eu quisesse pegar na bicicletinha eu poderia. Aí comecei a pegar”. (Leitor 8)

Quando perguntados sobre os seus títulos ou gêneros preferidos (Questão 4) e como os escolhiam na Tricicloteca, os entrevistados assim se manifestaram.

“Particularmente, prefiro romance. Seja clássico ou best-sellers, os romances são os meu preferidos. O agente de leitura sabendo dos meus gostos literários já oferecia alguns títulos”. (Leitor 1).

“Como sou espírita, gosto de romances espíritas, mas também leio de tudo. Mas não tenho preferência em especial. Gosto de escolher pelo resumo na contracapa do livro” (Leitor 2)

“Eu me prendo muito na estória e nos autores. Não tenho gênero preferido. Gosto de boas histórias. Escolho pelos títulos e pelas imagens das capas”. (Leitor 3)

“Eu gosto muito de animais. Então desde o começo procuro mais pegar os livros de animais. Gosto que tenham figuras, desenhos e imagens”. (Leitor 4)

“Hoje eu leio de tudo, mas comecei com revistinha, gibis e livrinhos infantis. Pego folheio e se gostar fico com ele para ler”. (Leitor 5)

“Sempre gostei dos clássicos. Sempre que eu posso é o que leio. Pergunto ao agente quais clássicos tem disponíveis no dia”. (Leitor 6)

“Revistas em quadrinhos são as minhas preferidas. Histórias de aventuras também. Escolho assim”. (Leitor 7)

“Eu gosto de mangá, que tem pouco e de contos de mistério. Pergunto quais são os livros de mistério. Se tiver já empresto”. (Leitor 8)

A análise do Eixo Temático 1, Acesso e Interesse pelo Projeto revela que, para os leitores entrevistados, o acesso ao projeto se deu por meio da divulgação efetuada pela Secretaria de Cultura, a qual se deu de diversas maneiras: carro de som, jingle, rede social, cartazes, divulgação nas escolas do município e indicação de outra pessoa.

A maior adesão ao projeto ocorreu, num primeiro momento, pelo interesse de leitores habituais, que viram facilidade em manter suas práticas. Em seguida, o interesse chegou aos leitores eventuais, que, pelo projeto, passaram a construir suas práticas de leitura.

Klebis (2008), metaforicamente, compara as bibliotecas a “templos do saber” que parecem não serem destinados ao sujeito ordinário. Pelo contrário, a biblioteca parece forçosamente destinar-se aos letrados da sociedade, ou seja, uma minoria que, por uma razão ou por outra, sinta-se à vontade neste ambiente de “iniciados”.

Portanto, também nesse aspecto a Tricicloteca se mostra como uma opção eficiente, pois desconstrói o estereótipo do “rato de biblioteca”, a circular pelas ruas e bairros da cidade os livros que já estiveram nas prateleiras. A comodidade em oferecer e recolher os livros na porta de casa ou no local de trabalhos, sem a necessidade de deslocamento, foi muito pontuada pelos leitores entrevistados, pois a falta de tempo dentro de suas rotinas, impedem uma visita criteriosa e demorada a biblioteca para escolha e retirada de livros. A permanência dos leitores no projeto é uma constante importante, com poucas desistências de participação.

4.1.2 Eixo Temático 2 – Tipos e Frequência de Leitura

No Eixo Temático 2, a primeira indagação (Questão 5) abordou os entrevistados sobre a frequência com que eles retiravam os livros para a leitura e obtivemos as seguintes contribuições:

“Toda semana pego um livro. Difícil passar mais de uma semana com o mesmo”. (Leitor 1)

“Sempre pegava de dois ou três de uma vez. As vezes durava uma semana, outras vezes quinze dias”. (Leitor 2)

“Eu pegava um e ficava com ele até terminar de ler. Uma, duas, três semanas e até um mês”. (Leitor 3)

“Era toda semana. Quando passava, já pegava um livro e corria para casa para ler”. (Leitor 4)

“Tem vezes que não leio um livro numa semana, aí eu renovo. Quando termino, pego outro, mas só quando termino o primeiro”. (Leitor 5)

“Desde o início não leio muito. As crianças pegam mais livros. Eu tenho que ler os materiais da faculdade, então pego uma vez ou outra”. (Leitor 6)

“Sempre que dá eu pego. Nem sempre estou em casa quando passa, então não pego direto”. (Leitor 7)

“Eu prefiro pegar quando estou sem provas ou trabalhos da escola pois posso ler mais tranquilo”. (Leitor 8)

À segunda questão e última pergunta deste Eixo (Questão 6), os participantes ofereceram essas contribuições:

“Uso o intervalo entre uma cliente e outra no salão para fazer minhas leituras, no sofá de espera da recepção. Em casa não tenho tempo”. (Leitor 1)

“Eu espero as crianças irem para a escola, os adultos para o trabalho e ao terminar as tarefas de casa início minhas leituras, na sala, no sofá ou no quarto, na cama, antes de dormir” (Leitor 2)

“Aproveito o meu horário de almoço, pois estou sozinha ou o fim da tarde, após preparar a janta, quando estou mais tranquila”. (Leitor 3)

“Depois de pegar o livro, corro pra casa e procuro ler o quanto antes. Quando passam de novo eu devolvo o livro que tinha pegado e já pego outro”. (Leitor 4)

“Eu prefiro ler no meu quarto, fecho a porta e viajo”. (Leitor 5)

“Leio muita coisa no ônibus mesmo, seja indo pra faculdade ou pro trabalho”. (Leitor 6)

“Gosto de ler no quintal, na sombra da árvore quando tá calor”. (Leitor 7)

“Eu ando sempre com um livro na mochila. Onde e quando dá eu leio. Na escola, na quadra, na pracinha perto de casa, quando estou de boa”. (Leitor 8)

Numa sucinta análise deste eixo, abaixo, tecem-se algumas notas importantes. Segundo os leitores entrevistados, as práticas de leitura foram intensificadas para aqueles que já liam, registrando leituras semanais regulares. Para aqueles que não tinham uma prática de leitura consolidada, o projeto incentivou a implementação da prática, quinzenalmente, no maior período identificado.

De acordo com os leitores investigados o subgênero preferido de leitura são os romances, o que também é reforçado pelos indicadores do sistema de gerenciamento da biblioteca. Os livros infanto-juvenis ocupam o segundo lugar entre os tipos de leitura efetuados.

A média da frequência de leitura dos participantes é um título por semana. Contudo, há quem leia dois livros semana e quem leia um livro por mês. A idade e ocupação das pessoas também interferem na frequência. Os de maior idade e com mais tempo livre registraram uma maior frequência de leitura.

Corrêa (2001, p. 46) aponta que “nos depoimentos vemos alguns contrastes entre as atitudes, sentimentos e disposições que os leitores manifestam quando se encontram diante de materiais de leituras distintos”.

Chama a atenção o interesse por livros religiosos, sobretudo, espíritas, retirados pelos leitores do projeto, bem como, a intensa procura e dubiedade nas escolhas por títulos de autoajuda, best-sellers e os clássicos disponíveis.

4.1.3 Eixo Temático 3 – Modos e Espaço de Leitura

Considerando a primeira pergunta do Eixo Temático 3 (Questão 7), as respostas obtidas foram as seguintes.

“Faço sempre sozinha, aqui mesmo no salão. Tem intervalos entre uma cliente e outra que são extensos ou até mesmo dia de pouco movimento”. (Leitor 1)

“Gosto de ler sozinha, sem barulhos. Preciso de silêncio para entrar na história”. (Leitor 2)

“Gosto de sentar à mesa da cozinha ou no sofá. Não leio deitada antes de dormir”. (Leitor 3)

“Eu leio sozinha em casa, no meu quarto. Eu escolhia os livros pelas figuras e imagens, no começo, principalmente de animais”. (Leitor 4)

“No meu quarto, sem barulho. Peço pro meu irmão nem me interromper”. (Leitor 5)

“No comecinho eu lia com as crianças. Agora eles já estão mais grandinhos, gostam de mexer sozinhos nos livros”. (Leitor 6)

“Sempre que dá na telha eu vou ler. Deu vontade eu vou lá e leio”. (Leitor 7)

“Procuro sempre que possível um lugar calmo, sem pessoas e barulho por perto. Porém nem sempre isso é possível aí leio de qualquer jeito”. (Leitor 8)

Em relação à questão 8, a última deste eixo temático, os leitores apresentam respostas mais elaboradas da entrevista, com frases e períodos mais longos, para registrar suas observações, as quais são:

“O livro não é um objeto barato, então não podemos estar sempre comprando livros novos. Nem todo mundo tem livros para emprestar, o caminho natural, para quem gosta de ler é a biblioteca. Com o projeto, consigo ler vários títulos sem ter que gastar ou sequer deixar o trabalho. A mudança principal que eu percebi é que estava meio adormecida em relação às leituras. O projeto fez com que eu retomasse as minhas leituras”. (Leitor 1)

“O principal benefício que vejo é a facilidade, né? Eu sou uma pessoa que não gosta de sair de casa, sem falar que tem muitos livros para escolher e não precisar pagar nada, na porta da gente! Depois que comecei a ler aqui, passei a entender melhor as palavras, a respeitar mais as pessoas, a ser mais paciente e educada mesmo”. (Leitor 2)

“Eu não tenho tempo nem idade para ir à biblioteca, pois fica muito longe da minha casa. Eu também não lia mais há muito tempo. Casei, tive filhos, trabalhei. Mesmo gostando, fiquei muito tempo sem poder ler. Com essa oportunidade, de poder pegar o livro ali mesmo no meu serviço, despertei pra necessidade de retomar a leitura e não parei mais”. (Leitor 3)

“Não ter que ir buscar e devolver o livro é muito bom. Saber que alguém vem trazer e buscar o livro, te deixa livre para fazer outras coisas. Acho que o projeto me ajudou muito na minha leitura. Eu melhorei bastante na leitura e passei a gostar mais de ler. Agora escolho o livro pelas histórias e não mais pelas figuras. Mas confesso que ainda gosto de histórias que tenham animais”. (Leitor 4)

“Tudo começou como brincadeira e diversão, imitando o que minha vó fazia. Via ela pegar os livros e ler e também queria fazer igual. Porém, aquilo se

tornou mais sério. Hoje não consigo ficar sem ler mesmo. Pego os livros e não sossego enquanto não leio. Acho que passei a escrever melhor as palavras, depois que passei a ler mais”. (Leitor 5)

“Com pouco tempo para trabalhar, estudar e cuidar da família, ir na biblioteca para pegar um livro é complicado. Quem tempo disponível pode fazer e quem não tem? O projeto facilitou minha vida nesse sentido, no nosso contato com os livros. Eu passei a ler mais, por tentar incentivar as crianças a lerem também”. (Leitor 6)

“Eu acho legal que se você esquecer de devolver o livro, você não vai pagar multa, pois eles vêm pegar o livro na casa da gente no prazo certo. Em vez de ir na biblioteca, pegar aqui é muito melhor” (Leitor 7)

“Os benefícios são poder ler muitos livros diferentes, num curto espaço de tempo e sem gastar para isso. Comprar e emprestar de amigos é bem mais difícil. O que mudou foi o fato de ficar mais ligado na leitura, ampliando seu conhecimento”. (Leitor 8)

Platzer (2009) enfatiza que, na temática das práticas sociais de leitura infantil, é importante abordar como se dá o encontro entre objetos de leitura e seus leitores, quais as suas expectativas, interesses e necessidades, quais modalidades de leitura são praticadas, se há mediação de outros leitores e quais apropriações e rituais são mais frequentes e presentes.

É interessante como os leitores que trabalham procuram fazer suas leituras em seus intervalos de trabalho, como horário de almoço ou deslocamentos em transporte público. Já as mulheres, principalmente aquelas com afazeres domésticos, optam por concluir suas tarefas para depois efetuarem suas leituras, preferencialmente, sozinhas, com esposos no trabalho, filhos e netos na escola, o que denota a busca pelo silêncio e a quietude do ambiente para uma leitura mais proveitosa.

Os espaços buscados pelos leitores entrevistados são sempre aqueles que dispõem de maior comodidade e silêncio possíveis. O quarto, o sofá da sala de estar ou da sala de espera das clientes. As mesas da cozinha e do escritório também aparecem nas respostas, assim como o transporte coletivo em deslocamento. Quando a prática de leitura está consolidada, o espaço, no entanto, não é fator determinante para se realizar a leitura.

A improvisação também assegura a prática de leitura, mesmo com ruídos e pouco conforto para os leitores. É recorrente nas respostas dos leitores a busca pela solidão antes de realizar a leitura. As práticas analisadas apontam que o leitor procura estar sozinho e com o ambiente em silêncio para melhor aproveitar a sua leitura, evitando possíveis distrações.

No tocante às mudanças, o mais importante foi o reconhecimento do resgate na regularidade das práticas de leitura. Houve também a relevância que o projeto dá à leitura ao

oferecer livros novos e variados, gratuitamente, na porta de casa, trabalho ou estabelecimento comercial, facilitando a busca pela leitura.

É importante ressaltar, diante da análise da questão 6, que, conforme pontua Chartier (2011), o leitor estabelece com o livro, rituais de leitura. Essas relações consideram ainda o espaço (quarto, sala, cozinha, quintal, comércio) e o posicionamento do corpo (sentado no sofá ou cadeira, deitado na cama). Espaços públicos e poucos convencionais também foram utilizados pelos leitores, como praças públicas e transporte coletivo. Essas práticas e relações estabelecidas entre o leitor e livro enriquecem essa pesquisa, pois não figuram nas estatísticas quantitativas de leitura dos órgãos oficiais.

4.1.4 Eixo Temático 4 – Apreciação do Projeto

No quarto e último eixo temático, a questão 9 provocou as seguintes reflexões nos leitores entrevistados.

“Muito importante numa cidade que poucos tem acesso aos livros e pouco tempo disponível para ir na biblioteca. Recomendei a várias amigas e familiares”. (Leitor 1)

“Eu acho que é um projeto de grande importância, pois quem gosta de ler, como eu, não consegue ficar sem. Quem não gosta pode passar a gostar. Eu indiquei para amigos e vizinhos. (Leitor 2)

“Gente esse projeto é maravilhoso. Trazer o livro na porta da casa ou do trabalho da gente, numa cidade pequena como a nossa. Eu recomendei o projeto para meus netos e meus filhos e colegas de trabalho”. (Leitor 3)

“Acho ótimo! Converso sempre com várias pessoas sobre o projeto e facilidade que é para ler com ele. (Leitor 4)

“Eu só tenho elogios. Muito bom mesmo! Comentei com muitos amigos da escola, mas nem todo mundo gosta de ler”. (Leitor 5)

“Na minha opinião é um projeto muito interessante e vi até reportagem dele na televisão. Comento sempre com as pessoas do trabalho”. (Leitor 6)

“É muito legal. Quando a gente ouve a musiquinha já que a bicicleta está chegando. Falei pra todo mundo na escola. Alguns amigos também pegam”. (Leitor 7)

“Acredito que é uma iniciativa pensada para quem busca algo melhor no futuro. A leitura no prepara, ler é fundamental. A nossa cidade é pequena, rapidinho todos mundo toma conhecimento, porém, só alguns participam”. (Leitor 8)

Por fim, na última pergunta deste eixo (Questão 10), a fim de mensurar a satisfação dos leitores a aprovação do projeto analisado, obteve-se as seguintes contribuições.

“Eu só posso dar nota 10, tanto para ideia, quanto para o atendimento do projeto”. (Leitor 1)

“Sempre fui muito bem atendida. Só tenho que elogiar o atendimento é dez”. (Leitor 2)

“Os meninos são sempre muito atenciosos, ajudam a gente a decidir o que ler, esperam, tem paciência é muito bacana”. (Leitor 3)

“Dou nota 10, claro! Não é toda cidade que conta com isso”. (Leitor 4)

“Nota 10, pois adoro participar dele”. (Leitor 5)

“Nota 10, sem dúvida”. (Leitor 6)

“É dez, né?”. (Leitor 7)

“Nota dez para o projeto e para quem faz as visitas. São muito dedicados ao trabalho de incentivar a leitura das pessoas”. (Leitor 8)

Uma análise do presente eixo temático permite alguns apontamentos. A maioria dos leitores entrevistados relataram que suas práticas de leitura estavam adormecidas ou infrequentes. A partir da participação no projeto, retomaram e acentuaram suas práticas de leitura. O fato de não ser necessário comprar os livros que gostaria de ler, uma vez que a biblioteca disponibiliza o empréstimo, faz com que os leitores participantes possam diversificar suas leituras, títulos e gêneros.

Outro fator de importante diz respeito à variedade dos títulos disponibilizados e à facilidade de empréstimos dos livros, tanto no deslocamento quanto na pouca burocracia para adesão ao projeto. Todos os leitores avaliam o projeto como uma iniciativa importante e necessária, viabilizada pela prefeitura, a qual por sua vez, emprega recursos públicos com direto retorno ao cidadão, por meio do acervo disponibilizado aos leitores. Ressalta-se que não há índices de atraso nas retiradas e extravios nos empréstimos, devido ao contato semanal entre agente de leitura, leitores e livros.

Para os leitores entrevistados, o acesso ao projeto se deu por meio da divulgação efetuada pela Secretaria de Cultura, a qual se deu de diversas maneiras: carro de som, jingle, rede social, cartazes e divulgação nas escolas do município. Contudo a indicação de outra pessoa também foi uma forma de acesso ao projeto.

A maior adesão ao projeto se deu, num primeiro momento, pelo interesse de leitores habituais, que viram facilidade em manter suas práticas. Em seguida, o interesse chegou aos leitores eventuais, que com a facilidade oferecida pelo projeto passaram a construir suas práticas de leitura.

Compilando Zilberman (1997, p.24), “a rotina cotidiana para o mundo da fantasia o caminho não é longo, desde que o instrumento – o livro – esteja ao alcance do seu destinatário”. Isto posto, a comodidade em oferecer e recolher os livros na porta da casa ou no local de trabalho, sem a necessidade de deslocamento foi muito apontada pelos leitores entrevistados, pois a falta de tempo dentro de suas rotinas, impedem uma visita criteriosa e demorada a biblioteca para escolha e retirada de livros. A permanência dos leitores no projeto é uma constante importante, com poucas desistências de participação.

4.2 As Vozes dos Agentes

Apresentamos considerações acerca das vozes dos agentes de leitura com base na entrevista semiestruturada.



Imagem 6 - Agente de Leitura em Visita à Leitora
Fonte: Acervo Secult (2013)

Conforme o exposto anteriormente, as análises das entrevistas dos Agentes de Leitura foram organizadas em três eixos temáticos. Como foram entrevistados apenas dois agentes, as análises serão efetuadas em um só tópico, ao final das respostas apresentadas. As falas dos

agentes serão identificadas apenas como agente 1 e agente 2, a fim de que a impessoalidade corrobore na isenção das análises, não se prendendo inclusive, às óticas gêneros, sendo ambos, uma moça e um rapaz.

4.2.1 Eixo Temático 1 - Acesso e Interesse pelo Projeto

Em se tratando do Eixo Temático 1, intitulado Acesso e Interesse pelo Projeto, obtivemos as informações que se seguem. Ao perguntarmos aos agentes como as pessoas ficaram sabendo do projeto (Questão 1), examine-se as seguintes respostas:

“A maioria parava a gente na rua mesmo. O contato era visual. Poucos vinham por indicação de outras pessoas”. (Agente 1)

“Geralmente eles viam a tricoloteca e se aproximavam pela curiosidade. Outros leitores souberam do projeto por meios de redes sociais e também pela divulgação musical do Triciclo”. (Agente 2)

Quando questionamos os agentes sobre as motivações que os levaram a participar do projeto (Questão 2), obtivemos as seguintes informações:

“No meu caso eu precisava de renda para ajudar em casa. Apareceu essa oportunidade e aos poucos fui me envolvendo com o mundo da leitura”. (Agente 1)

“Eu sempre gostei de ler e estava procurando uma oportunidade de trabalho. Fiquei sabendo do projeto e me coloquei à disposição. As motivações que levaram ao projeto foram levar a leitura até o leitor em sua casa ou ambiente de trabalho; incentivar os adolescentes, jovens, crianças e adultos a ler mais”. (Agente 2)

Os agentes participantes deste estudo, finalizando o Eixo temático 1, destacaram quais foram os títulos ou gêneros com maior saída no projeto (questão 3).

“No começo saía de tudo. O que colocava na Tricoloteca o pessoal pegava. Com o passar do tempo as pessoas passaram a selecionar mais os livros”. (Agente 1)

“Os livros infantis saem bastante, mesmo pego pelos adultos, para suas crianças. Porém, o que mais sai entre os adultos são os romances, os best-sellers e os livros de ficção”. (Agente 2)

Ao analisarmos o Eixo temático 1, o qual trata do Acesso e Interesse pelo Projeto, constatou-se que ambos agentes de leitura do projeto eram menores aprendizes, contratados, anualmente, juntos ao Centro Brasileiro de Cursos - Cebrac. Em busca de sua primeira

colocação no mercado de trabalho, estes jovens foram motivados, inicialmente, por uma atividade remunerada.

Silva (1999) enfatiza que, na sociedade brasileira Brasil, diferentemente de outras sociedades mais justas e equânimes, é constituída de classes antagônicas. Aqui, o acesso à leitura essa ainda soa como privilégio e não como direito da população, como tantos outros direitos, serviços e benesses sociais. Isto posto, o trabalho desses jovens agentes vai muito além do mero desfilar com livros pela cidade, mas garantindo um direito essencial do homem: o acesso ao conhecimento e à leitura, por meio da leitura.

Justamente por esse viés, a ligação dos jovens agentes com a leitura e com os livros, também se construiu juntamente com a dos leitores participantes. Não obstante, essa proximidade se mostrou determinante para o êxito do projeto e das experiências dos aprendizes, que, no restante da semana, desempenhavam outras funções administrativas na Secretaria de Cultura.

4.2.2 Eixo Temático 2 – Mediação de Leitura

Abrindo o Eixo Temático 2, os entrevistados responderam sobre como as pessoas abordam e recebem os agentes de leitura (Questão 4). Os agentes assim se manifestaram.

“Quando elas ainda não conhecem o projeto, abordam com curiosidade, querendo saber. Infelizmente a maioria se afasta, quando entende que se trata de empréstimos de livros para leitura. Quem queria devolver já sai de casa com os livros nas mãos. Quem queria emprestar, chegava com as mãos vazias e entrava com os livros”. (Agente 1)

“Eu já peguei o projeto em andamento então as pessoas já sabiam do que se tratava e reconheciam o jingle da Tricicloteca. Os leitores achavam muito interessante o projeto e me recebiam bem. Principalmente os leitores que estavam em seu ambiente de trabalho e não tinham tempo de ir até a Biblioteca Municipal, assim ficavam felizes pelo fato dos livros estarem indo até eles”. (Agente 2)

Na segunda indagação do Eixo Temático 2 (Questão 5) foi perguntado aos agentes se eles interferiam ou auxiliavam nas escolhas dos livros. Seguem-se as transcrições:

“Muitas pessoas, sem o hábito de leitura, pedem dicas e indicações de livros, então nesses casos, eu auxilio os leitores na escolha. Quando o leitor já sabe o que quer, ele pergunta se tem. Tendo, ele retira, não tendo, ele encomenda para a biblioteca disponibilizar no baú ou comprar o livro”. (Agente 1)

“Às vezes, é necessário. Porém, na maioria das vezes não há interferência. Interferia nas escolhas quando os leitores pediam opiniões de exemplares. Sempre indicava o que estava em mais procura”. (Agente 2)

Em relação ao Eixo Temático 2, intitulado Mediação de Leitura, inferiu-se que, embora não interferissem diretamente nas escolhas dos leitores, os agentes se mostravam solícitos e abertos a ajudar aos participantes a encontrarem dentro os 100 títulos disponíveis no baú da Tricicloteca, os livros mais adequados aos seus gostos e práticas literários.

Resgatar Freire (1987) e sua concepção libertadora da leitura de mundo, a qual pressupõe que a partir das palavras e textos escritos, sobretudo, os impressos, o indivíduo desvenda sua realidade, impressões, significados e possibilidades. Mais do que ler um livro, é preciso ler o mundo, mesmo que por meio das páginas impressas.

Assim os jovens agentes com o desenvolver do projeto e maior conhecimento e entrosamento com os leitores, passaram a trocar melhores impressões sobre os livros lidos por eles e pelos leitores, numa franca partilha de reconstruções e ressignificações de suas realidades comuns a cidadãos inseridos no mesmo contexto social e comunitário, ainda mais próximos pela leitura.

4.2.3 Eixo Temático 3 – Apreciação do Projeto

No terceiro e último Eixo Temático, primeiramente, indagou-se, por meio do questionário semiestruturado (questão 6), se os agentes de leitura notaram alguma mudança nas pessoas participantes do projeto. Abaixo, as colaborações:

“A mudança que eu noto é que as pessoas começam com livros finos, alguns cheios de gravuras e depois passam a ler livros mais grossos, sem figuras. Parece que elas vão realmente aumentando o gosto pela leitura”. (Agente 1)

“Eu percebo que o interesse pela leitura vai aumentando gradativamente, mesmo entre as pessoas que já leem. Estas estão cada vez lendo mais livros. É o prazer de ler mais”. (Agente 2)

Na segunda e última pergunta do terceiro Eixo Temático (Questão 7), indagou-se aos agentes de leitura como enxergam o papel da leitura na vida das pessoas, de modo geral, e não somente restrito aos leitores que eles atenderam. Eis as respostas:

“Antes de ajudar no projeto eu tinha uma visão diferente. Não valorizava a leitura. Trabalhando com livros e com pessoas que leem, eu vi que a leitura é importante e faz diferença sim, toda diferença na vida das pessoas”. (Agente 1)

“Enxergo como um papel fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente, em função de tornarmos críticos, racionais e letrados. Ler nos tornam pessoas livres, ler é viver sua imaginação plenamente”. (Agente 2)

Já a Apreciação do Projeto, contida no Eixo Temático 3, transpareceu que os agentes de leitura, no decorrer do projeto, também se apropriaram da própria prática da leitura, movidos pelos testemunhos cotidianos de seus leitores e até mesmo, para melhor argumentar nos momentos de empréstimos e indicações de livros.

Além das mudanças dos próprios agentes, pois ambos passaram a ler mais e a valorizar mais a leitura na formação humana, eles presenciaram in loco, os benefícios e os sentimentos positivos que a leitura proporciona aos seus leitores.

A ótica de Platzer (2013), que considera que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade letrada, permitindo que este seja capaz de ler e interpretar os diferentes textos que circulam socialmente, ilustra muito bem os resultados obtidos na análise deste respectivo eixo temático, no contexto geral do projeto, tanto para agentes de leitura como para os leitores entrevistados.

As representações acerca da leitura foram transformadas nos jovens agentes de leitura no transcorrer do projeto. O melhor domínio e conhecimento do objeto livro, bem como o contato semanal com diferentes pessoas e tipos de leitores, enriqueceram seu repertório cultural, tornando-os mais capacitados para experiências pessoais e profissionais futuras.

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

Esta seção é dedicada à tessitura de proposições angulares após o contato e investigação desta rica experiência com as práticas e políticas pública de incentivo à leitura.

Não é tarefa fácil e razoável conceituarmos a leitura, tendo em vista a sua complexa multiplicidade de acepções e aplicações na historicidade humana. Todavia, também não é razoável desconsiderá-la como ferramenta de importante construção humana, por meio do acesso ao saber, ao conhecimento e à cultura produzida pela humanidade.

Averiguou-se que, paralelamente ao crescimento da população brasileira registrou-se nos últimos anos o crescimento dos projetos de incentivo e fomento à leitura. Contudo, como contraponto, a leitura de livros dos brasileiros tem, gradativamente, diminuída ou estagnada, o que exige criteriosa atenção por parte dos governos e sociedade letrada.

É certo que, nem mesmo uma pesquisa específica possa dirimir tais questões e preocupantes inquietações relacionadas ao fomento da leitura entre a população. Não obstante, alguns caminhos são passíveis de serem pavimentados a partir deste estudo, o qual busca ressignificar o papel das práticas sociais de leitura e políticas públicas de incentivo a leitura, as quais necessitam acompanhar o desenvolvimento humano e societário em todos os seus âmbitos.

Na História Cultural, desde o surgimento da escrita e o desenvolvimento da leitura, o homem vivencia em sua existência o dilema das diferentes práticas de leitura, as quais, assim como o próprio homem, evoluem diacronicamente. Tomem-se por base os hipertextos e os mais diversos suportes digitais da contemporaneidade à disposição dos leitores, em meio a persistência heroica dos impressos.

Quanto ao livro, considerado por muitos um objeto ultrapassado, a sua importância não diminui enquanto se variam e multiplicam os suportes textuais na modernidade. Desde os primórdios da imprensa até as luminosas telas de LED, as letras grafadas oportunizam poderosas representações do mundo real.

Historicamente, a escrita e a leitura estão intrinsecamente ligadas à escola, sendo que a leitura tem uma estreita correlação com a biblioteca escolar, já que estas são consideradas espaços mais importantes à iniciação de leitores. Contudo, as bibliotecas de modo geral ainda se configuram como espaços pouco convidativos aos leitores iniciantes, o que se explica pelo viés cultural.

Notório é que a escola e a biblioteca não podem, não devem e não conseguem mais serem os únicos polos irradiadores das práticas de leitura, numa sociedade cada vez mais

dinâmica, diversa, dispersa e sedenta de conhecimento e cultura humana. Ações e projetos que dinamizem e revitalizem as bibliotecas são imprescindíveis e, o projeto em questão, se apresenta como uma dessas inovadoras possibilidades.

A escola e as bibliotecas são apenas apêndices no processo de formação de leitores e incentivo à leitura e, entre tantas outras prerrogativas, não podem e nem devem concentrar todas as ações de fomento e práticas sociais de leitura, inclusive, a do livro impresso.

As práticas de leitura constituem também como elementos compositores d cultura de um povo e, ambas (leitura e cultura) ganharam, nas últimas décadas maior atenção da comunidade científica, mantendo-se no mesmo patamar de outros campos da sociedade, antes tratados com maior ênfase e importância. Neste sentido, a leitura – não só de impressos, devido ao vários suportes da modernidade – apresenta-se como veículo de manifestação de cultura, mas também, de ideologias libertadoras e transformantes.

No Brasil, histórica e inegavelmente, o acesso aos livros e á leitura, como bem cultural, sempre foi demanda de um público abastado e privilegiado social e economicamente. Tal restrição – assim como tantas outras – exigiu sempre dos poderes constituídos, ações efetivas de políticas públicas que perdurem a democratização do acesso ao livro e á formação de leitores. Embora ler não seja um dever, é direito inalienável de todo cidadão, desde a mais tenra idade.

Cenários complexos como o da sociedade atual, necessitam de encontrar vozes e ecos favoráveis às práticas sociais de leitura, a fim de que estas sejam expandidas e ofertadas, inclusive, pela ação direta de políticas públicas nas diferentes esferas de governo, alcançando o sujeito ordinário, aquele que não frequenta as bibliotecas escolares e tradicionais.

O estudo comprova que alguns caminhos são passíveis de pavimentação a partir da resignificação do papel do Estado (três esferas) em relação às políticas públicas e fomento às práticas sociais de leitura, as quais são determinantes para o avanço e efetivo desenvolvimento educacional e cultural de nossa nação.

Aos governos cabem além de suas prerrogativas já tradicionais e consagradas, a disseminação de ações e políticas públicas que contemplem o incentivo à leitura, como forma de reduzir as desigualdades econômicas, sociais e culturais. Ao adquirir letramento, consegue o indivíduo ascender ao mundo do conhecimento, fazendo parte da sociedade capitalista, ou seja, a leitura configura-se também como singular ferramenta de transformação social.

É impossível inferir com este estudo que cada governo municipal, estadual ou federal é diretamente responsável por ações ou, até mesmo, inações e desmonte de políticas, projetos

e programas de incentivo às práticas de leitura. Pode inclusive, haver tolhimento e repressão à leitura, de acordo com a visão dos representantes governamentais, nem sempre com uma visão condizente e alinhada à visão de escritores, artistas, intelectuais, acadêmicos e amantes das letras e de uma sociedade letrada.

É certo, portanto, que a leitura deve compor agendas governamentais progressistas, assim como políticas esportivas, educacionais e em saúde. A leitura é remédio certo para muitas de nossas mazelas e abismos sociais, num país que precisa urgentemente elevar seus patamares de civilização e cidadania, sem vínculos diretor ao poder aquisitivo e ao consumismo material desenfreado. A leitura se trata de consumo imaterial e profundamente necessária a nossa humanização, altruísmo e transformação social.

Pequenos e módicos projetos, de baixo impacto orçamentário podem assegurar indicadores interessantes, quando voltados ao incentivo das práticas de leitura e circulação de livros e impressos. No tocante ao projeto analisado, por meio das análises das entrevistas estruturadas, percebe-se que os impactos foram altamente positivos na comunidade atendida, com uma política pública inovadora, agressiva e de baixo custo, que facilitou o acesso ao livro e aos impressos, ao descolar para as ruas o acervo da biblioteca tradicional.

Os relatos apontam para uma satisfação quase que unânime com o serviço oferecido e os benefícios alcançados por meio do projeto em questão. Entre os principais, destacam-se o aumento e a constância na frequência das práticas de leitura, comprovados pelos números positivos nas retiradas da Biblioteca, lideradas pela Tricicloteca.

É preciso frisar a relação amistosa dos leitores com os agentes de leitura. Sempre foram bem recebidos devido ao seu papel de disseminar a cultura letrada na comunidade. Soma-se a isso a notoriedade que o projeto alcançou na mídia leiga e especializada, divulgando em nível nacional e regional a atuação diferenciada e inovadora do projeto.

As representações acerca de leitura foram transformadas também nos jovens agentes de leitura no transcorrer do projeto. O melhor domínio e conhecimento do objeto livro, bem como o contato semanal com diferentes pessoas e tipos de leitores, enriqueceram seu repertório cultural, tornando-os mais empáticos e capacitados para experiências pessoais e profissionais futuras.

As práticas de leitura e o contato continuado com os livros é contagiante. Mesmo quem não lê, acaba aderindo às práticas de leitura, já que as pessoas do seu entorno social, escolar, acadêmico ou profissional estão o fazendo.

Por fim, os baixos custos e os excelentes resultados do projeto investigado revelam ainda as relações estabelecidas entre os leitores e seus livros, que vão desde a corporeidade e os diversos e pessoais rituais e leitura às mudanças nas percepções representacionais da sociedade e do mundo, por meio da criticidade despertada pela leitura.

Dicotomias assim motivam pesquisas assim, que investiguem as práticas sociais de leitura de livros impressos e as relações dos leitores com os objetos lidos, seus rituais e impressões e, sobretudo, a mudança de sua percepção da realidade pela leitura de mundo ofertada pelos livros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. de.; MEDEIROS, V. da S. Breve Panorama das Políticas Públicas para a Leitura no Brasil. Anais do I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins. 11 a 13 de novembro de 2013, UFT/Araguaína-TO, p. 325-334.

ARAÚJO, Edinho. *O Novo Município Novo*. Bragança Paulista: Editora Graphis, 1998.

BASTOS, A. M. *Gavião Peixoto: um século de sua história e as dimensões de sustentabilidade no seu desenvolvimento*. 2007. 620f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade de Araraquara, UNIARA, Araraquara, 2007.

CALDEIRA, C. Do Papiro ao Papel Manufaturado. *Revista Espaço Aberto*, n. 24, out. de 2002. USP, São Paulo - SP.

CHARTIER, R. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 2002.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 5. ed., São Paulo, Estação Liberdade, 2011. p.77-105.

_____. Escutar os mortos com os olhos. *Revista de Estudos Avançados*, vol.24, n.69, São Paulo, 2010, p.7 - 30.

CORRÊA, C. H. A. Entre Práticas e Representações: Notas sobre o Encontro com o Mundo da Leitura na Universidade. In: SILVA, Lilian Lopes Martin (Org.) *Entre leitores: alunos, professores*. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p. 25-78.

CULTURA, Ministério da. *Plano Nacional do Livro e Leitura: Estado e Sociedade atuando pelo Desenvolvimento da Leitura no Brasil*. Fundação Biblioteca Nacional. Publicação do Caderno do PNLL, 2010. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/cnpc/wp/2011/07/plano-nacional-do-livro-e-leitura1.pdf>. Acesso em agosto de 2018.

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e - IBGE. Panorama Gavião Peixoto. 2017. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>, acessado em janeiro de 2019. desde pequeno. In. *Salto para o Futuro: Ensino fundamental / Secretaria de Educação à Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. 224 p.

FAILLA, Zoara. *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FARIA, Ana Lúcia de; MELLO, Suely Amaral; (orgs). *O mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância - polêmicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERRARI, M. M. *Os núcleos coloniais do Cambuhy: uma das tentativas de solução do problema de mão-de-obra na lavoura cafeeira*. 1976. 187f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

FERREIRA, N. S. de A. Histórias de leitura. In: SILVA, Lilian Lopes Martin et al. (Org.). *Entre leitores: alunos, professores*. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p. 79-110.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *O Livro: objeto de estudo e memória de leitura*. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação. Unicamp. Campinas/SP. 2010.

HIGA, Sue Ellen Lorenti. *Famílias que participam de biblioteca: a mediação afetiva na constituição do sujeito leitor*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <http://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/sue-ellen-lorenti-higa-sc3a9rgio-antc3b4nio-da-silva-leite.pdf>. Acessado em 18/06/2017.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.

KLEBIS, C. E. de. O. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução. In: SILVA, E. T. da (org.). *Leitura na Escola*. São Paulo: Global/ALB-Associação de Leitura do Brasil, 2008. p.33-46.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. *Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros*. 2006. 158f . Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Unicamp, Campinas/SP, 2006.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre, Artmed, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2014.

MACEDO, S. M. M. de. Cultivando o prazer da leitura: o prazer de ler desde pequeno. In: *Salto para o futuro: Ensino Fundamental / Secretaria de Ensino à Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALHÃES, C. de C. SILVA, P. M. da. A importância do professor na formação do aluno leitor da educação de jovens e adultos. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br>. Acesso em: 02 Dez. 2018.

MEIRELES, E. Leitura muito prazer. *Revista Nova Escola*. São Paulo, ano XXV - n.234, p.48-57, ago. 2

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, C. L. de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, vol. 2., 3 ed., 2008. Unioeste.

PAIVA, Ana Paula. Quando a leitura se torna uma brincadeira. *Revista Pátio - Educação Infantil*. Ano VIII, nº 24, jul/set. 2010. p.12-15.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. *Bibliotecas públicas: políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006*. 2008.140f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2008.

PLATZER, Maria Betanea. *Crianças leitoras entre práticas de leitura*. f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.

_____. Leitura e escrita na infância: indagações necessárias. In: SANTOS, José Jackson Reis dos; LEITE, Maria Iza Pinto Amorin; PEREIRA, Sandra Márcia Campos (Org.). *A Qualidade na educação infantil e os direitos da criança pequena*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 55-65.

ROCHETTI, Paula Virginia de Almeida. *Leitores de locadora de livros*. 2012.188f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Unicamp. Campinas/SP. 2012

SÃO PAULO, Secretaria de Educação do Estado de. *Sala de Leitura*. São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/sala-leitura>. Acesso em: 20 março. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. 4.ed. Campinas. Papirus, 1999.

TEIXEIRA, E. C. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. *Revista AATR*, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57253448/03-Aatr-Pp-Papel-Politiclas-Publicas>. Acesso em: 21/06/2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23 – mai/jun/jul/ago 2003, p.5-15.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. In: *SP leituras*. Bibliotecas Públicas e seus Desafios para a Construção de uma Sociedade Leitora: Diálogos do 6º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias. São Paulo: Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, 2014, p. 53, 62. Disponível em: <http://aprendersempre.org.br/arqs/Notas_7_web.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ZILBERMAN, Regina. A Leitura na Escola. In: *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. 8.ed., Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1997.

APÊNDICES**Apêndice A****CERTIFICADO DE ASSENTIMENTO**

Eu _____ entendi que a presente pesquisa tem por finalidade investigar as práticas sociais de leitura de leitores participantes do Projeto Tricicloteca, visando a refletir sobre as relações oriundas entre os participantes e os livros, bem como se dão essas leituras na comunidade fora do contexto escolar.

Nome e/ou assinatura do Agente de Leitura do Projeto

Nome e/ou assinatura da criança/adolescente:

Nome e assinatura dos pais/responsáveis:

Nome e assinatura do pesquisador responsável por obter o consentimento:

Cidade, _____ de _____ de _____.

Apêndice B

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Araraquara, _____ de _____ de _____.

Prezado (a) Sr.(a)

Dirigente Cultural

Venho através desta solicitar a vossa senhoria autorização para a realização da coleta de dados da pesquisa intitulada **“PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA: PEDALANDO COM A TRICICLOTECA”** realizada sob a minha responsabilidade na condição de mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara - UNIARA.

O trabalho tem como objetivo estudo das práticas literárias, suas relações e as políticas públicas de leitura no Projeto Tricicloteca.

Informo que o referido projeto será submetido à avaliação ética junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIARA, e me comprometo a encaminhar a vossa senhoria uma cópia do parecer ético após a sua emissão. Desde já, coloco-me à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida que possa surgir.

Antecipadamente agradeço à colaboração.

Sérgio Augusto da Silva

Pesquisador Responsável

Para Preenchimento da Instituição Coparticipante

Deferido ()

Indeferido ()

Assinatura _____

___ Data: ___ / ___ / ____.

Carimbo:

Apêndice C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA: PEDALANDO COM A TRICICLOTECA

Pesquisador Responsável: Sérgio Augusto da Silva

Nome do participante: _____

Idade: _____ **R.G.:** _____

Responsável legal (quando for o caso): R.G.: _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por finalidade investigar as práticas sociais de leitura de leitores participantes do Projeto Tricicloteca, visando a refletir sobre as relações oriundas entre os participantes e os livros, bem como, se dão essas leituras na comunidade fora do contexto escolar.
2. Ao participar deste trabalho estarei contribuindo para pesquisas na área de Educação, sobretudo, no que se referem as práticas sociais de leitura e políticas públicas de fomento a leitura. Minha participação também permitirá que eu reflita sobre o meu papel como participante, leitor e cidadão
3. A minha participação como voluntário, no que se refere à entrevista, deverá ter a duração de aproximadamente 01 hora.
4. Durante a minha participação na pesquisa, poderei me sentir desconfortável e/ou constrangido (a) no momento de responder a questões que envolvem minhas práticas de leitura em diferentes espaços sociais, bem como as implicações dessas práticas no decorrer de minha pessoal ou profissional. Dessa forma, estou ciente de que o pesquisador responsável estará preparado para as orientações e esclarecimentos necessários para contribuir com meu bem-estar.
5. A coleta de dados será realizada conforme procedimentos técnicos recomendados e usuais (entrevista audiogravada).
6. Os procedimentos aos quais serei submetido não provocarão danos morais, físicos, financeiros ou religiosos.
7. Não terei nenhuma despesa ao participar desse estudo.
8. Poderei deixar de participar do estudo a qualquer momento sem prejuízo do meu tratamento.
9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurado assim a minha privacidade e se desejar, deverei ser informado dos resultados da pesquisa.
10. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos poderei entrar em contato com a professora responsável pelo Projeto de Pesquisa, Sr. Sérgio Augusto da Silva, pelos telefones (16) XXXXX_XXXX e (16) XXXXX-XXXX

Diante dos esclarecimentos prestados, concordo em participar do estudo “PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA: PEDALANDO COM A TRICICLOTECA”, na qualidade de voluntário (a).

Araraquara/SP, _____ de _____ de _____.

Assinatura do voluntário

Apêndice D

TERMO DE ASSENTIMENTO (LEITORES MENORES)

Título do Projeto: Práticas Sociais e Políticas Públicas de Leitura: pedalando com a Tricicloteca

Pesquisador Responsável: Sérgio Augusto da Silva

Nome do participante: _____

Idade: _____ RG: _____ Escola _____

Responsável legal (quando for o caso): _____ R.G.: _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia com atenção e me pergunte caso tenha alguma dúvida. Após ser informado (a) sobre as informações a seguir, se aceitar parte do estudo, assine esse documento duas cópias. Uma ficará você e a com o pesquisador responsável. Caso não queira participar, fique à vontade, pois a participação é livre.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. A pesquisa estudará como se dá a leitura dos participantes do Projeto Tricicloteca, explorando as relações com os livros e como acontecem essas leituras fora da escola e da biblioteca.
2. Este trabalho será usado na área de Educação e a minha participação também servirá para eu pensar sobre meu papel como participante, leitor e cidadão.
3. A minha participação como voluntário na entrevista, deverá ter a duração de máxima de 01 hora e será realizada em minha residência, no local que eu ou meus responsáveis considerarmos apropriado para isso.
4. Durante a minha participação na pesquisa, poderei me sentir envergonhado com as perguntas do entrevistador e ele fará as orientações necessárias, para que eu me sinta à vontade em participar e responder as perguntas.
5. A coleta de dados será realizada de acordo com as regras necessárias, usando para isso, a gravação de voz de nossas conversas.
6. As perguntas que eu responderei na entrevista, não causarão danos morais, físicos, financeiros ou religiosos.
7. Fui informado e estou ciente de que não pagarei e também não receberei qualquer quantia ou benefício para participar desta pesquisa. Caso eu tenha qualquer despesa por participar deste estudo, receberei do pesquisador o valor total gasto, em dinheiro. Caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, também serei reembolsado, conforme a Lei determina.
8. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
9. Meu nome não será revelado, mantendo minha privacidade. Se eu desejar, receberei os resultados da pesquisa quando ela estiver pronta. Qualquer dúvida ou esclarecimento, posso falar com responsável pelo Projeto de Pesquisa, o Sr. Sérgio Augusto da Silva, pelos telefones (16) XXXXX-XXXX e (16) XXXXX-XXXX.

Estando tudo bem explicado e entendido, eu concordo em participar do estudo “PRÁTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA: PEDALANDO COM A TRICICLOTECA”, na qualidade de voluntário (a).

Gavião Peixoto/SP, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Responsável Legal _____

RG: _____

Apêndice E

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Sérgio Augusto da Silva, portador do CPF: 246.440.888-38, sou pesquisador responsável do projeto de pesquisa intitulado, **Práticas sociais e políticas públicas de leitura: pedalando com a tricicloteca**, comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Araraquara-UNIARA, respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes em especial a 466/12, do Conselho Nacional de Saúde;
- Apresentar dados solicitados pelo CEP da UNIARA ou pela CONEP a qualquer momento;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP da Uniara ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIARA;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araraquara, _____ de _____ de _____.

Sérgio Augusto da Silva

Pesquisador Responsável

Apêndice F

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA - LEITORES

Nome do(a) Participante: _____

Idade: _____ Bairro _____

ROTEIRO DE QUESTÕES DO PARTICIPANTE

- 1- Como ficou sabendo do projeto?
- 2- Desde quando participa do projeto?
- 3- Quais as motivações que levaram a aderir ao projeto?
- 4- Quais são os seus títulos ou gêneros preferidos e como você escolhe os livros na Tricicloteca?
- 5- Com que frequência retira os livros para a leitura?
- 6- Como você realiza as suas leituras desses livros. Comente o processo ou ritual.
- 7- Onde e com quem vocês fazem as leituras? Explique o motivo dessas escolhas?
- 8- Quais os benefícios diretos do projeto Tricicloteca? Houve mudanças após a sua adesão ao projeto? Se sim, quais? Explique-as.
- 9- O que você acha desta iniciativa pública? Recomendou o projeto a parentes e amigos?
- 10- Qual nota de 0 a 10 você daria ao serviço prestado?

Apêndice G

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA - AGENTE DE LEITURA

Nome do(a) Agente: _____

Idade: _____ tempo no projeto _____

ROTEIRO DE QUESTÕES DO AGENTE DE LEITURA (PARA FUTURA TRANSCRIÇÃO)

- 1- Como as pessoas dizem que ficaram sabendo do projeto?
- 2- Quais as motivações que levaram a participar do projeto?
- 3- Quais são os seus títulos ou gêneros com maior saída na Tricicloteca?
- 4- Como as pessoas abordam e recebem o agente de leitura quando estão passando pelas ruas?
- 5- Você interfere ou auxilia nas escolhas dos livros?
- 6- Você tem notado mudanças nas pessoas participantes no projeto? Quais? Explique-as.
- 7- Como você enxerga o a papel da leitura na vida das pessoas?